

Arthur Schopenhauer

Sobre a Arte

# Literária

ENSAIOS REUNIDOS



Arthur Schopenhauer

# Sobre a Arte Literária – ensaios reunidos

*Tradução Bernardo Santos*

# Índice

I – Sobre a Autoria

II – Sobre o Estilo

III – Sobre o Estudo do Latim

IV – Sobre os Homens Dedicados ao Aprendizado

V – Sobre Pensar Por Si Mesmo

VI – Sobre Algumas Formas Literárias

VII – Sobre a Crítica

VIII – Sobre a Reputação

IX – Sobre a Genialidade

## I – Sobre a Autoria

Existem, antes de tudo, dois tipos de autores: aqueles que escrevem por causa do assunto, e aqueles que escrevem por causa da escrita. Enquanto aqueles tiveram pensamentos ou experiências que lhes parecem valer a pena comunicar, estes querem dinheiro; e assim eles escrevem, por dinheiro. O pensamento deles é parte do comércio da escrita. Eles podem ser reconhecidos pelo modo como expressam seus pensamentos da forma mais extensa possível; depois, também, pela própria natureza de seus pensamentos, que são apenas meio verdadeiros, perversos, forçados e vacilantes; também pela aversão que geralmente demonstram em dizer algo diretamente, de modo que eles possam sempre parecer diferentes do que são. Portanto, sua escrita é deficiente em clareza e em definição, e não demora muito para que se traiam, porque seu único objetivo na escrita é cobrir o papel. Isso às vezes acontece até com os melhores autores; de vez em quando, por exemplo, ocorre com Lessing em seu *Dramatúrgico*, e ocorre até mesmo em muitos dos romances de Jean Paul. Assim que o leitor perceber isso, que jogue fora o livro; pois o tempo é precioso. A verdade é que, quando um autor começa a escrever para cobrir papel, ele está enganando o leitor; porque ele escreve sob o pretexto de que tem algo a dizer.

Escrever por dinheiro e para resguardar os direitos autorais são, no fundo, a ruína da literatura. Ninguém escreve nada que valha a pena escrever, a menos que se escreva inteiramente por causa de seu assunto. Que bênção inestimável seria se em cada ramo da literatura houvesse apenas alguns poucos livros, mas apenas aqueles excelentes! Isso nunca poderá acontecer enquanto dinheiro puder ser obtido através da escrita. Parece que o dinheiro

está sob uma maldição, pois cada autor degenera assim que começa a colocar a caneta no papel a fim de lucrar. As melhores obras dos maiores homens vêm do tempo em que eles tinham que escrever de graça ou por muito pouco. E aqui, também, este provérbio espanhol é válido, o que declara que honra e dinheiro não se acham na mesma bolsa – *honra y provecho no caben en un saco*. A razão pela qual a literatura está em uma situação tão ruim hoje em dia é simples e unicamente porque as pessoas escrevem livros para ganhar dinheiro. Um homem que está na carência se senta e escreve um livro, e o público é estúpido o suficiente para comprá-lo. O efeito secundário disso é a ruína da linguagem.

Muitos maus escritores ganham a vida inteira por meio dessa mania tola do público de não ler nada a não ser o que acabou de ser impresso, – os jornalistas, quero dizer. Verdadeiramente, jornalista é um nome muito apropriado para eles. Traduzindo-o em linguagem comum, eles são os diaristas!

Mais uma vez, pode-se dizer que existem três tipos de autores. Primeiro vêm aqueles que escrevem sem pensar. Escrevem a partir de uma memória cheia, de reminiscências; pode ser que escrevam até mesmo a partir, diretamente, dos livros de outras pessoas. Essa classe é a mais numerosa. Depois vêm aqueles que estão pensando enquanto estão escrevendo. Eles pensam com o objetivo de escrever; e não há escassez deles. Por último, vêm os autores que pensam antes de começar a escrever. Eles são os raros.

Os autores da segunda classe, os que adiam o pensamento até começar a escrever, são como um caçador amador que parte ao acaso, e é pouco provável que ele consiga trazer algo para casa. Por outro lado, quando um autor da terceira classe escreve, a classe rara, é semelhante à caça dirigida. Aqui, a caça já foi previamente capturada e posta em um espaço muito pequeno; no qual ela é depois solta, tantos indivíduos de cada vez, em direção a outro espaço também confinado. A caça não pode escapar ao caçador, e ele não tem nada a fazer além de apontar e atirar – em outras palavras, anotar os seus pensamentos. Este é o tipo de esporte no qual o homem realmente tem algo para mostrar.

Mas mesmo que o número daqueles que realmente pensam seriamente antes de começar a escrever seja pequeno, muito poucos deles pensam sobre o *assunto em si*: os demais pensam apenas sobre os livros que foram escritos sobre o assunto, e no que foi dito por outros. A fim de pensar em qualquer coisa, tais escritores precisam do estímulo mais direto e poderoso do pensamento de outras pessoas perante eles. Esses se tornam seu tema imediato; e o resultado é que eles estão sempre sob sua influência, e, portanto, nunca, em nenhum sentido real da palavra, são originais. Mas os anteriores são levados ao pensamento pelo próprio assunto, para o qual seu pensamento é assim imediatamente dirigido. Essa é a única classe que produz escritores de fama permanente.

É claro que deve ser entendido que estou falando aqui de escritores que tratam de grandes assuntos; não de escritores que escrevem sobre a arte de fazer conhaque.

A menos que um autor tire o material sobre o qual escreve de sua própria cabeça, ou seja, de sua própria observação, ele não vale a pena ser lido. Fabricantes de livros, compiladores, a corrente comum de escritores de história, e muitos outros da mesma classe, tiram seu material imediatamente dos livros; e o material vai direto à ponta de seus dedos sem sequer pagar o frete ou ser examinado enquanto passa por suas cabeças, para não dizer nada da elaboração ou da revisão. Como seria muito instruído o homem se ele soubesse tudo o que está em seus próprios livros! A consequência disso é que esses escritores falam de uma maneira tão vaga e imprecisa que o leitor sempre quebra a cabeça em vão para entender o que é o que eles realmente estão pensando. Eles não estão pensando em nada. Pode ser que de vez em quando o livro do qual eles copiam tenha sido composto exatamente da mesma maneira; de modo que uma escrita desse tipo é como um molde de gesso; e, no fim, o que sobra é o esboço do contorno de uma face, sendo que até isso é dificilmente reconhecível, e isso é tudo o que lhes resta de seu Antínoo. Que as compilações sejam lidas da forma mais rara possível. É difícil evitá-las completamente; já que as compilações também incluem aqueles livros-texto que contém, em um pequeno espaço, o conhecimento acumulado de séculos.

Não há erro maior do que supor que o último trabalho é sempre o mais correto; que o que é escrito mais tarde é em todos os casos uma melhoria do que foi escrito antes; e que a mudança sempre significa progresso.

Verdadeiros pensadores, homens de julgamento correto, pessoas que levam a sério o assunto, – todos esses são apenas exceções. O verme é a regra em todo o mundo: ele está sempre em alerta, pegando as opiniões maduras dos pensadores, e procurando industrialmente melhorá-las (salve a marca!) à sua maneira peculiar.

Se o leitor deseja estudar qualquer assunto, que tenha cuidado para não se apressar a ler os livros mais recentes, e limitar sua atenção apenas a eles, sob a noção de que a ciência está sempre avançando, e que os livros antigos têm sido aproveitados na escrita dos novos. Eles foram inspirados, é verdade; mas como? O escritor do novo livro muitas vezes não entende bem os livros antigos e, no entanto, não está disposto a tomar suas exatas palavras; assim, ele as estraga e diz à sua própria maneira o que foi dito antes de modo muito melhor e mais claro pelos antigos escritores, que escreveram a partir de seu próprio conhecimento vivo do assunto. O novo escritor frequentemente omite as melhores coisas que eles afirmaram, suas ilustrações mais marcantes, suas observações mais felizes; porque ele não vê seu valor nem sente quão fértil elas são. A única coisa que o atrai é o que é superficial e insípido.

Acontece com frequência o fato de um livro antigo e excelente ser expulso por novos e maus, que, escritos por dinheiro, aparecem com um ar de grande pretensão e com muita tagarelice por parte dos amigos. Na ciência, um homem tenta deixar sua marca trazendo à tona algo novo. Isso muitas vezes não significa nada mais do que ele atacar alguma teoria aceita – o que é bastante correto –, mas ele o faz apenas a fim de criar espaço para suas próprias noções falsas. Às vezes o esforço é bem sucedido por um tempo; e então é feito um retorno à velha e verdadeira teoria. Esses inovadores não levam a sério nada além de seu próprio precioso eu: é isso que eles querem apresentar, e a maneira rápida de fazê-lo, como eles pensam, é iniciar um paradoxo. Suas cabeças estéreis tomam naturalmente o caminho da negação; assim começam a negar verdades há muito tempo admitidas – o poder vital, por exemplo, o sistema nervoso sensível, a *generatio equivoca*, a distinção de Bichat entre o funcionamento das paixões e o funcionamento da inteligência;

ou então querem que voltemos ao atomismo grosseiro, e coisas do gênero. Por isso, acontece frequentemente *do curso da ciência ser retrógrado*.

A essa classe de escritores pertencem aqueles tradutores que não somente traduzem seu autor, mas também o corrigem e revisam; um procedimento que sempre me parece impertinente. A esses escritores eu digo: escrevam livros que mereçam ser traduzidos vocês mesmos, e deixem os trabalhos dos outros como estão!

O leitor deve estudar, se puder, os verdadeiros autores, os homens que fundaram e descobriram coisas; ou, de qualquer forma, aqueles que são reconhecidos como os grandes mestres em todos os ramos do conhecimento. É melhor ler livros de segunda mão do que ler conteúdos de segunda mão. Com certeza, é fácil acrescentar algo novo a uma descoberta – *inventis aliquid addere facile est*; sendo assim, o estudante, após ter dominado os rudimentos de seu assunto, terá que se familiarizar com as adições mais recentes ao seu conteúdo. E, em geral, a seguinte regra pode ser estabelecida, tanto aqui como em outro lugar: se uma coisa é nova, raramente é boa; porque, se é boa, é apenas por pouco tempo nova.

O que o endereço é para uma carta o título deve ser para um livro; em outras palavras, seu principal objetivo deve ser levar o livro para aqueles dentre o público que se interessarão pelo seu conteúdo. Deve, portanto, ser expressivo; e, por sua própria natureza, deve ser curto, deve ser conciso, lacônico, em gestação, e, se possível, deve dar o conteúdo em uma só palavra. Um título prolixo é ruim; dessa forma, ele é como aquele que não diz nada, ou aquele que é obscuro e ambíguo, ou pode até ser falso e enganoso; esse último possivelmente envolverá o livro no mesmo destino que o de uma carta mal endereçada. Os piores títulos de todos são aqueles que foram roubados, aqueles, quero dizer, que já foram carregados por outros livros; pois eles são, em primeiro lugar, um plágio, e, em segundo lugar, a prova mais convincente de uma total falta de originalidade do autor. Um homem que não tem originalidade suficiente para inventar um novo título para seu livro será ainda menos capaz de dar-lhe um novo conteúdo. Semelhantes a esses títulos roubados são aqueles que foram imitados, ou seja, roubados pela metade; por exemplo, muito depois de ter produzido meu tratado *On Will in Nature*,



Oersted escreveu um livro intitulado *On Mind in Nature*.

Um livro nunca pode ser nada mais do que a impressão dos pensamentos de seu autor; e o valor destes estará ou *no assunto sobre o qual ele pensou*, ou *na forma* que seus pensamentos tomam, em outras palavras, *no que ele pensou sobre o assunto*.

A temática dos livros é a mais variada; e várias também são as qualidades ligadas aos livros na composição de sua matéria. Por matéria quero dizer tudo o que se enquadra no domínio da experiência real; ou seja, os fatos da história e os fatos da natureza, tomados por eles mesmos e em seu sentido mais amplo. Aqui é a *coisa* tratada que dá seu caráter peculiar ao livro; de modo que um livro pode ser importante, seja quem for que o tenha escrito.

Mas, em relação à forma, o caráter peculiar de um livro depende da *pessoa* que o escreveu. O livro pode tratar de assuntos acessíveis a todos, e já bem conhecidos; mas é a forma como eles são tratados, o que é que se pensa sobre eles, que dá ao livro o seu valor; e isso vem de seu autor. Se, então, desse ponto de vista, um livro é excelente e incomparável, seu autor também o é. Consequentemente, se vale a pena ler um escritor, seu mérito aumenta apenas na proporção em que ele deve pouco ao seu assunto; portanto, quanto mais conhecido e quanto mais vulgar for o assunto, maior será o autor. Os três grandes escritores trágicos da Grécia, por exemplo, todos trabalharam o mesmo assunto.<sup>[1]</sup>

Portanto, quando um livro é celebrado, deve-se ter o cuidado de observar se é assim devido à sua matéria ou à sua forma; e deve ser feita uma distinção de acordo com isso.

Livros de grande importância por causa de seu assunto podem proceder de pessoas muito comuns e rasas, pelo fato de que só elas tiveram acesso a esse assunto; livros, por exemplo, que descrevem viagens em terras distantes, fenômenos naturais raros, ou experiências; ou ocorrências históricas das quais os escritores foram testemunhas, ou com as quais passaram muito tempo e dificuldades na pesquisa e no estudo especial de documentos originais.

Por outro lado, onde o assunto é acessível a todos ou muito conhecido, tudo dependerá da forma; e o que é que se pensa sobre o assunto dará ao livro todo o valor que ele possui. Aqui, somente um homem realmente distinto será capaz de produzir qualquer coisa que valha a pena ser lida; pois os outros não pensarão nada além do que qualquer outra pessoa pode pensar. Eles apenas produzirão a impressão de suas próprias mentes; mas essa é apenas uma impressão da qual todos possuem o original.

No entanto, o público está muito mais preocupado em ter matéria do que com a forma; e por isso mesmo é deficiente em qualquer alto grau de cultura. O público mostra sua preferência a esse respeito, da maneira mais risível, quando se trata de lidar com a poesia; pois ali ele dedica muito trabalho à tarefa de rastrear os acontecimentos reais ou as circunstâncias pessoais na vida do poeta que serviram como ocasião de suas várias obras; ou melhor, para o público, esses acontecimentos e circunstâncias acabam sendo mais importantes que as próprias obras; e, em vez de ler o próprio Goethe, as pessoas preferem ler o que foi escrito sobre ele, e estudar a lenda de Fausto mais diligentemente do que o drama que carrega esse nome. Burger declarou: "as pessoas haverão de escrever disquisições eruditas sobre a pergunta: quem Leonora realmente foi?"; e nós encontramos isso literalmente cumprido no caso de Goethe; pois agora possuímos muitas disquisições eruditas sobre Fausto e a lenda ligada a ele. Esse tipo de estudo é, e continuará sendo, dedicado apenas ao material do drama. Dar tal preferência ao assunto em detrimento da forma é como se um homem tomasse um fino vaso etrusco, não para admirar sua forma ou cor, mas para fazer uma análise química da argila e da tinta da qual ele é composto.

A tentativa de produzir um efeito por meio do material empregado – uma tentativa que favorece essa tendência maléfica do público – é mais condenável ainda nos ramos da literatura, onde qualquer mérito que possa haver reside expressamente na forma: quero dizer, no trabalho poético. Por tudo isso, não é raro encontrar maus dramaturgos tentando lotar a casa por meio do assunto sobre o qual eles escrevem. Por exemplo, autores deste tipo não hesitam em colocar em cena, no palco, qualquer homem que seja de alguma forma celebrado, não importa se sua vida tenha sido totalmente

desprovida de incidente dramático; e, às vezes, inclusive, eles nem esperam até que as pessoas imediatamente ligadas a ele estejam mortas.

A distinção entre matéria e forma a que estou aqui aludindo também vale para a conversa. As principais qualidades que permitem que um homem converse bem são inteligência, discernimento, engenhosidade e vivacidade: estas fornecem a forma da conversa. Desse modo, não demora muito para que se preste atenção ao assunto do qual ele fala; em outras palavras, aos assuntos sobre os quais é possível conversar com ele – seu conhecimento. Se isso for muito limitado, sua conversa não valerá nada, a menos que ele possua qualidades formais muito excepcionais; pois ele não terá nada a falar a não ser sobre aqueles fatos da vida e da natureza que todos conhecem. Será exatamente o oposto, porém, se um homem for deficiente nessas qualidades formais, mas tiver uma grande quantidade de conhecimentos, a qual confere valor ao que ele diz. Esse valor dependerá então inteiramente do assunto de sua conversa; pois, como diz o provérbio espanhol, *mas sabe el necio en su casa, que el sabio en la ajena* – um tolo sabe mais sobre os seus próprios negócios do que um homem sábio sabe sobre os negócios dos outros.

## II – Sobre o Estilo

O estilo é a fisionomia da mente, e ele é um índice mais seguro para o caráter do que o rosto. Imitar o estilo de outro homem é como usar uma máscara, o que, ainda que nunca seja tão bom, não demora a despertar nojo e repulsa, pois é algo sem vida; de modo que até mesmo o rosto mais feio é melhor. Assim, pode-se dizer que aqueles que escrevem em latim e copiam a maneira dos autores antigos falam através de uma máscara; o leitor, é verdade, presta atenção ao que eles dizem, mas não pode observar sua fisionomia; ele não pode ver o *estilo*. Com as obras latinas de escritores que pensam por si mesmos, o caso é diferente, e seu estilo é visível; escritores, quero dizer os que não condescenderam com nenhum tipo de imitação, como Scotus Erigena, Petrarca, Bacon, Descartes, Spinoza, e muitos outros. E a afetação em estilo é como fazer caretas. Além disso, a língua em que um homem escreve é a fisionomia da nação à qual ele pertence; e aqui há muitas diferenças duras e profundas, a começar pela língua dos gregos, até a das ilhas do Caribe.

Para formar uma estimativa provisória do valor das produções de um escritor, não é necessário conhecer diretamente o assunto sobre o qual ele pensou, ou o que ele disse sobre o assunto; isso implicaria uma leitura de todas as suas obras. Será suficiente, sobretudo, saber *como* ele pensou. Isso, que significa o temperamento essencial ou a qualidade geral de sua mente, pode ser determinado precisamente por seu estilo. O estilo de um homem mostra a natureza *formal* de todos os seus pensamentos – a natureza formal que nunca pode mudar, seja o sujeito quem for, ou qual for o caráter de seus pensamentos: é, por assim dizer, a massa a partir da qual todo o conteúdo de sua mente é trabalhado. Quando Eulenspiegel foi perguntado quanto tempo levaria para caminhar até a próxima aldeia, ele deu a resposta aparentemente

incongruente: *ande*. Ele queria descobrir, pelo ritmo do homem, a distância que ele percorreria em um determinado tempo. Da mesma forma, quando leio algumas páginas de um autor, sei bastante bem até onde ele pode me levar.

Todo escritor medíocre tenta mascarar seu próprio estilo natural, porque, em seu coração, ele sabe a verdade das minhas palavras. Ele é assim forçado, no início, a desistir de qualquer tentativa de ser franco ou ingênuo – um privilégio que é assim reservado para as mentes superiores, conscientes de seu próprio valor e, portanto, seguras de si mesmas. O que eu quero dizer é que esses escritores cotidianos são absolutamente incapazes de se resolverem a escrever exatamente como pensam; porque eles têm a noção de que, se o fizessem, seu trabalho pareceria muito infantil e muito simples. Apesar de tudo isso, se assim o fizessem, seu trabalho não seria desprovido de valor. Se eles apenas fossem trabalhar honestamente, e dissessem, muito simplesmente, as coisas que realmente pensaram, tal como eles pensaram, esses escritores seriam legíveis e, dentro de sua própria esfera, até mesmo instrutivos.

Mas, ao invés disso, eles tentam fazer o leitor acreditar que seus pensamentos foram muito mais longe e mais a fundo do que realmente é o caso. Dizem o que têm a dizer em longas frases que se espalham de forma forçada e antinatural; cunham novas palavras e escrevem períodos prolixos que vão girando e arredondando o pensamento e o envolvem em uma espécie de disfarce. Eles oscilam entre dois objetivos distintos: o de comunicar o que querem dizer e o de escondê-lo. Sua meta é disfarçá-lo, para que ele pareça culto e profundo, a fim de dar às pessoas a impressão de que há muito mais nele do que parece no momento. Eles ou anotam seus pensamentos pouco a pouco, em frases curtas, ambíguas e paradoxais, que parecem significar muito mais do que dizem, – deste tipo de escrita os tratados de Schilling sobre filosofia natural são um esplêndido exemplo; ou então eles se sustentam com um dilúvio de palavras e uma difusividade intoleráveis, como se não houvesse necessidade de acabar com a confusão para fazer o leitor entender o significado profundo de suas frases, ao passo que é alguma idéia bastante simples, senão realmente trivial, – cujos exemplos podem ser encontrados em abundância nas obras populares de Fichte, e nos manuais filosóficos de uma centena de outros miseráveis estúpidos que não merecem ser mencionados; Ou, ainda, eles tentam escrever em algum estilo particular que eles têm o prazer de adotar para parecer que pensam de forma muito grandiosa, um

estilo, por exemplo, *de excelência*, profundo e científico, onde o leitor é atormentado até a morte pelo efeito narcótico de longos períodos sem uma única idéia neles, – do tipo que são proporcionados em uma medida especial pelos mais descarados de todos os mortais, os hegelianos;<sup>[2]</sup> ou pode ser que seja um estilo intelectual ao qual se dedicaram para desenvolver, onde parece que seu objetivo era enlouquecer completamente; e coisas assim acontecem em muitos outros casos. Todos estes esforços para adiar o *nascetur ridiculus mus*<sup>[3]</sup> – para evitar mostrar a criaturinha esquisita que nasce depois de tão fortes dores – muitas vezes tornam difícil saber o que isso realmente significa. E eles também escrevem palavras, ou melhor, escrevem até mesmo frases inteiras, sem atribuir qualquer significado a elas, na esperança de que outra pessoa lhes dê algum sentido.

E o que está no fundo de tudo isso? Nada além do incansável esforço para vender meras palavras como se fossem pensamentos; um tipo de mercadoria com a qual eles estão sempre tentando fazer novas oportunidades para si próprios, e, por meio de expressões estranhas, inversões de frase e combinações de todo tipo – sejam elas novas ou usadas num novo sentido – tentam produzir a aparência de intelecto, a fim de compensar a falta tão dolorosamente sentida dele.

É engraçado ver como escritores com esse objetivo em vista tentarão primeiro um maneirismo e depois outro, como se estivessem colocando máscaras do intelecto! Essa máscara poderá enganar os inexperientes por um tempo, até que seja vista como uma coisa morta, sem nenhuma vida dentro dela: ela é então ridicularizada e trocada por outra. Um autor assim escreverá em um momento como se estivesse bêbado; em outro, não, na página seguinte, será pomposo, severo, profundamente culto e prolixo, tropeçando de maneira acrobática e podando tudo em pedaços muito pequenos; como o falecido Christian Wolf, só que em um vestido moderno. A máscara de ininteligibilidade é a mais duradoura de todas; mas ela só existe na Alemanha, onde foi introduzida por Fichte, aperfeiçoada por Schelling, e levada ao seu mais alto nível por Hegel – sempre com os melhores resultados.

E nada é mais fácil do que escrever para que ninguém possa entender; assim como, ao contrário, nada é mais difícil do que expressar coisas

profundas de tal forma que cada um as compreenda necessariamente. Todas as artes e truques que venho mencionando se tornam desnecessárias se o autor realmente tiver algum cérebro; pois isso permite que ele se mostre como é, e confirma a máxima de Horácio, segundo a qual o bom senso é a fonte e a origem do bom estilo:

*Scribendi recte sapere est et principium et fons.* <sup>[4]</sup>

Mas aqueles autores que citei são como certos metalúrgicos, que experimentam uma centena de compostos diferentes para substituir o ouro – o único metal que nunca pode ter nenhum substituto. Ao invés disso, não há nada contra o qual um escritor deva estar mais atento do que o manifesto esforço de exhibir mais intelecto do que realmente ele tem; porque isso faz o leitor suspeitar que ele possui muito pouco; pois sempre que um homem finge alguma coisa, seja o que for, é sempre ali que está a sua deficiência.

É por isso que é um elogio a um autor dizer que ele é *ingênuo*; significa que ele não precisa recuar de se mostrar como ele é. Em geral, ser ingênuo é ser atraente; enquanto a falta de naturalidade é repulsiva em todos os lugares. De fato, descobrimos que todo grande escritor realmente tenta expressar seus pensamentos da maneira mais pura, clara, definitiva e mais breve possível. A simplicidade sempre foi considerada uma marca da verdade; é também uma marca da genialidade. O estilo recebe sua beleza do pensamento que exprime; mas, para os pensadores-fraudulentos, os pensamentos são supostamente bons por causa do estilo. O estilo nada mais é do que a mera silhueta do pensamento; e um estilo obscuro ou ruim significa um cérebro monótono ou confuso.

A primeira regra, portanto, para um bom estilo, é que *o autor deve ter algo a dizer*; não! Isto é em si quase tudo o que é necessário. Ah, o quanto isso significa! A negligência a essa regra é um traço fundamental na escrita filosófica e, de fato, assim é em toda a literatura reflexiva de meu país, especialmente a partir de Fichte. Todos estes escritores deixam transparecer que querem aparecer como se tivessem algo a dizer; enquanto que eles não têm nada. Esse tipo de escrita foi trazido pelos pseudo-filósofos das Universidades, e agora é corrente em toda parte, mesmo entre as primeiras notações literárias da época. Ela é a mãe daquele estilo indefinido e vago, em que parece haver dois ou até mais significados na frase; também daquela

forma de expressão prolixa e evasiva, chamada de *le stile empesé*; uma vez mais, daquele mero desperdício de palavras que consiste em derramá-las como uma enxurrada; enfim, daquele truque de esconder a mais suja pobreza de pensamento sob um emaranhado de tagarelice interminável, que se movimentava como um moinho de vento e que estupefacia um – coisas que um homem pode ler durante horas sem ter uma única idéia claramente expressa e definida.<sup>[5]</sup>

Por outro lado, um bom autor, fértil em idéias, logo ganha a confiança de seu leitor porque, quando ele escreve, ele realmente tem *algo a dizer*; e isso dá ao leitor inteligente a paciência para segui-lo com atenção. Um autor assim, só porque ele realmente tem algo a dizer, nunca deixará de expressar-se da maneira mais simples e mais direta; porque seu objetivo é despertar no leitor o mesmo pensamento que ele tem em si mesmo, e não há outro. Por isso, ele poderá afirmar junto com Boileau que seus pensamentos encontram-se abertos à luz do dia em todos os lugares, e que seu verso sempre diz algo, seja dizendo bem ou mal:

*Ma pensée au grand jour partout s'offre et s'expose,  
Et mon vers, bien ou mal, dit toujours quelque chose*<sup>[6]</sup>

enquanto dos escritores anteriormente descritos pode ser afirmado, nas palavras do mesmo poeta, que eles falam muito e nunca dizem nada – *qui parlant beaucoup ne disent jamais rien*.

Outra característica de tais escritores é que eles sempre evitam uma asserção afirmativa onde quer que possam fazê-la, a fim de deixar uma brecha para escapar em caso de necessidade. Assim, eles nunca deixam de escolher a maneira mais *abstrata* de se expressar; enquanto as pessoas inteligentes recorrem às coisas mais *concretas*; porque estas últimas trazem algo mais dentro do alcance da demonstração real, que é a fonte de todas as evidências.

Há muitos exemplos que provam essa preferência pela expressão abstrata; e há uma preferência particularmente ridícula pelo uso do verbo *para condicionar* na acepção de *causar* ou *produzir*. Tais pessoas falam *para condicionar algo* ao invés de *afirmá-lo como causa*, porque ser abstrato e



indefinido diz menos; afirmam que *A* não pode acontecer sem que *B* ocorra, ao invés de dizerem que *A* é a causa de *B*. Desse modo, uma porta dos fundos é sempre deixada aberta; e isso se adequa às pessoas cujo conhecimento secreto de sua própria incapacidade as inspira um terror perpétuo diante de toda afirmação positiva; enquanto que, com as demais, é apenas o efeito dessa tendência pela qual tudo o que é estúpido na literatura, ou ruim na vida, é imediatamente imitado – fato comprovado em ambos os casos pela maneira rápida com que isso se propaga. O homem inglês usa seu próprio julgamento tanto no que escreve quanto no que faz; mas não há nação sobre a qual este elogio seja menos verdadeiro do que a alemã. A consequência desse estado de coisas é que a palavra *causa* quase desapareceu da linguagem da literatura atual, e as pessoas falam apenas na *condicional*. Este fato vale a pena mencionar porque é caracteristicamente ridículo.

O próprio fato de que esses autores corriqueiros nunca estão mais do que semi-conscientes quando escrevem seria suficiente para dar uma explicação para a sua lentidão mental e para as coisas tediosas que produzem. Eu digo que eles são apenas semi-conscientes, porque eles realmente não entendem o significado das palavras que usam: eles pegam as palavras prontas e as memorizam. Assim, quando escrevem, juntam não só palavras mas frases inteiras – *frases banais*. Essa é a explicação daquela evidente falta de pensamento claramente expressa no que eles dizem. O fato é que eles não possuem o molde para dar este selo à sua escrita; o pensamento claro é o que eles não têm. E o que encontramos em seu lugar? – uma mistura vaga e enigmática de palavras, frases contemporâneas, termos batidos e expressões da moda. O resultado é que as coisas nebulosas que eles escrevem são semelhantes a uma página impressa com letras muito antigas.

Por outro lado, um autor inteligente realmente nos fala quando escreve, e é por isso que ele é capaz de despertar nosso interesse e se comunicar conosco. É apenas o autor inteligente que reúne as palavras individuais com uma consciência plena de seu significado, e as escolhe com deliberação e planejamento. Consequentemente, seu discurso se mantém fiel ao do escritor descrito acima, do mesmo modo que um quadro que foi realmente pintado se comparado a um que foi produzido pelo uso de um estêncil. Num caso, cada palavra, cada toque do pincel, tem um propósito especial; no outro, tudo é feito mecanicamente. A mesma distinção pode ser observada na música. Pois

assim como Lichtenberg diz que a alma de Garrick parecia estar em cada músculo de seu corpo, também é a onipresença do intelecto que sempre e em toda parte caracteriza o trabalho do gênio.

Aludi ao tédio que marca as obras desses escritores; e a esse respeito é preciso observar, de modo geral, que o tédio é de dois tipos: objetivo e subjetivo. Uma obra é objetivamente enfadonha quando contém o defeito em questão; ou seja, quando seu autor não tem um pensamento ou conhecimento perfeitamente claro para comunicar. Pois, se um homem tem algum pensamento ou conhecimento claro nele, seu objetivo será comunicá-lo, e ele direcionará suas energias para este fim; de modo que as idéias que ele fornece sejam expressas claramente em todos os lugares. O resultado é que ele não é difuso, nem desinteressante, nem confuso e, conseqüentemente, não é enfadonho. Em tal caso, mesmo que o autor esteja completamente equivocado, o erro é, em todo caso, claramente trabalhado e bem pensado, de modo que ao menos formalmente o autor está correto; e, portanto, algum valor sempre é atribuído à obra. Mas, pela mesma razão, uma obra que é objetivamente enfadonha é sempre desprovida de qualquer valor.

O outro tipo de tédio é apenas relativo: um leitor pode achar uma obra monótona porque não tem interesse na questão tratada nela, e isso significa que seu intelecto é limitado. A melhor obra pode, portanto, ser tediosa subjetivamente, enfadonha, quero dizer, para esta ou aquela pessoa em particular; assim como, ao contrário, a pior obra pode ser subjetivamente atraente para esta ou aquela pessoa em particular que tem interesse na questão tratada, ou no escritor do livro.

Seria, de modo geral, bom para os escritores se eles percebessem que, mesmo que um homem deva pensar, quando possível, como um gênio, ele precisa falar a mesma língua que os demais. Os autores deveriam usar palavras comuns para dizer coisas incomuns. Mas eles fazem exatamente o contrário. Nós os encontramos tentando embrulhar idéias triviais em grandes palavras, e vestir seus pensamentos banais com as frases mais extraordinárias, as expressões mais rebuscadas, artificiais e extraviadas. Suas frases sustentam-se eternamente em pernas-de-pau. Eles têm tanto prazer com o bombardeio, e escrevem em um estilo tão exuberante, inchado, afetado, hiperbólico e acrobático que seu protótipo é o Ancient Pistol, a quem seu

amigo, Falstaff, disse uma vez, impacientemente, para que dissesse o que tinha a dizer *como um homem deste mundo*.<sup>[7]</sup>

Não há nenhuma expressão em nenhuma outra língua que corresponda exatamente ao *stile empesé* francês; mas a própria coisa existe em uma frequência crescente. Quando está associado à afetação, ele é na literatura semelhante ao que a presunção de dignidade, de grandeza e de primazia são na sociedade; e é igualmente intolerável. A estupidez da mente gosta de vestir esse vestido; do mesmo modo que, na vida comum, a gente estúpida gosta de se mostrar rebuscada e formal.

Um autor que escreve em estilo primitivo se assemelha a um homem que se veste para evitar ser confundido ou colocado no mesmo nível da máfia – um risco nunca corrido pelo *cavalheiro*, mesmo em suas piores roupas. O plebeu pode ser reconhecido por uma certa ostentação de trajes e pelo desejo de ter tudo vistoso; do mesmo modo, a pessoa vulgar é traída por seu estilo.

No entanto, um autor segue um falso objetivo se tentar escrever exatamente do modo que fala. Não há estilo de escrita que não tenha um certo traço de parentesco com o estilo *epigráfico* ou *monumental*, que é, de fato, o ancestral de todos os estilos. Para um autor, escrever do modo que fala é tão repreensível quanto o oposto – falar da maneira como ele escreve; pois isso dá um efeito pedante ao que ele diz, e ao mesmo tempo o torna difícil de ser compreendido.

Uma forma de expressão obscura e vaga é sempre, e em todos os lugares, um sinal muito ruim. Em noventa e nove de cem casos, ela vem da imprecisão do pensamento; e isto quase sempre significa que há algo radicalmente errado e incongruente no pensamento – em resumo, que ele está errado. Quando um pensamento correto surge na mente, ele se esforça para se expressar e não demora muito para consegui-lo; pois o pensamento claro encontra facilmente palavras que lhe sirvam. Se um homem é capaz de pensar qualquer coisa, ele também é sempre capaz de expressá-la em termos claros, inteligíveis e inequívocos. Aqueles escritores que constroem frases difíceis, obscuras, complexas e equívocas, certamente não sabem direito o que querem dizer: eles têm apenas uma consciência enfadonha, que ainda está na fase de luta para se moldar como pensamento. Muitas vezes, de fato, eles desejam

esconder de si mesmos, e dos outros, que realmente não têm nada a dizer. Desejam parecer saber o que não sabem, pensar o que não pensam, dizer o que não dizem. Se um homem tem alguma comunicação real a fazer, qual ele escolherá: uma forma indistinta ou uma forma clara de expressão? Até mesmo as observações quíntilianas dizem que as coisas que são ditas por um homem altamente educado são frequentemente mais fáceis de entender e muito mais claras; e que quanto menos educado o homem for, tanto mais obscuro ele escreverá – *plerunique accidit ut faciliora sint ad intelligendum et lucidiora multo quae a doctissimo quoque dicuntur... Erit ergo etiam obscurior quo quisque deterior*.

Um autor deve evitar frases enigmáticas: ele deve saber se quer dizer alguma coisa ou não. É esta indecisão de estilo que torna tantos escritores insípidos. O único caso que oferece uma exceção a essa regra surge quando é realmente necessário fazer uma observação que é de alguma forma imprópria.

O exagero geralmente produz um efeito oposto ao pretendido; as palavras, é verdade, servem para tornar o pensamento inteligível – mas apenas até um certo ponto. Se as palavras são colocadas para além desse ponto, o pensamento se torna cada vez mais e mais obscuro. Descobrir qual é o ponto é o problema do estilo, o negócio da capacidade crítica; palavras demais sempre frustram seu propósito. É isso que Voltaire quer dizer quando afirma que *o adjetivo é o inimigo do substantivo*. Mas, como vimos, muitas pessoas tentam esconder a pobreza de pensamento sob um dilúvio de palavreado.

Assim, que se evite toda a redundância, todo o encadeamento de observações que não têm significado e não valem a pena ser examinadas. Um escritor deve sempre fazer um uso econômico do tempo, paciência e da atenção dos leitores; de modo a levá-lo a acreditar que seu autor escreve aquilo que vale a pena ser estudado cuidadosamente, e que o tempo gasto com ele será recompensado. É sempre melhor omitir algo bom do que acrescentar aquilo que não vale a pena dizer. Essa é a aplicação correta da máxima de Hesíodo – *πλέον ἥμισυ παντός*. A metade é mais do que o todo<sup>[8]</sup>. *Le secret pour être ennuyeux, c'est de tout dire*.<sup>[9]</sup> Portanto, se possível, apenas a quintessência! Somente pensamentos de vanguarda! Nada que o leitor pensaria por si mesmo. Usar muitas palavras para comunicar poucos pensamentos é, em qualquer lugar, o sinal inconfundível de mediocridade.

Reunir muito pensamento em poucas palavras caracteriza o homem dotado de genialidade.

A verdade é muito bonita, se ela não for violada; e a impressão que ela causa é profunda, na medida em que sua expressão seja simples. Isso é assim, em parte porque, de fato, ela toma posse total da alma do ouvinte e não lhe deixa nenhum pensamento para distraí-lo; em parte, também, porque ele sente que aqui não está sendo corrompido ou enganado pelas artes da retórica, mas que todo o efeito do que é dito vem da coisa em si. Por exemplo, que declamação sobre a vaidade da existência humana poderia ser sempre mais reveladora do que as palavras de Jó? – *Man that is born of a woman hath but a short time to live and is full of misery. He cometh up, and is cut down, like a flower; he fleeth as it were a shadow, and never continueth in one stay.* <sup>[10]</sup>

Pela mesma razão, a poesia ingênua de Goethe é incomparavelmente maior do que a retórica de Schiller. É isso, mais uma vez, que faz com que muitas canções populares sejam tão marcantes. Na arquitetura, se deve evitar um excesso de decoração. Ocorre do mesmo modo na arte literária. Um escritor deve se precaver contra todo refinamento retórico, toda amplificação inútil, e toda superfluidade de expressão em geral; resumindo, ele deve se esforçar pela *castidade* de estilo. Cada palavra que pode ser poupada é nociva se permanecer. A lei da simplicidade e da ingenuidade é a lei de toda arte, pois é perfeitamente possível ser ao mesmo tempo simples e sublime.

A verdadeira brevidade de expressão consiste em sempre dizer somente aquilo que vale a pena ser dito, e em evitar detalhes enfadonhos sobre coisas que cada um pode prover para si mesmo. Isso envolve uma correta distinção entre o que é necessário e o que é supérfluo. Um escritor nunca deve ser breve às custas de ser claro, e aqui nem direi nada sobre a necessidade de respeitar a gramática. Enfraquecer a expressão de um pensamento ou o significado de um período apenas para usar algumas palavras a menos é sinal de uma lamentável falta de juízo. Mas esse é o resultado concreto dessa falsa brevidade que hoje está tão em voga, que prossegue deixando de fora palavras úteis e até mesmo sacrificando a gramática e a lógica. Não é só o fato de tais escritores pouparem palavras fazendo com que um verbo ou adjetivo realize a tarefa inteira por vários períodos – de modo que o leitor, por assim dizer, tenha que tatear através deles no escuro; eles também

praticam, em muitos outros aspectos, uma economia de discurso pouco adequada, no esforço de efetuar o que tolamente consideram ser uma brevidade de expressão e uma concisão de estilo. Omitindo algo que poderia ter lançado uma luz sobre toda a frase, eles a transformam em um enigma, que o leitor tenta resolver repetindo-a vezes sem conta.

É a riqueza e o valor do pensamento, e nada mais, que dá brevidade ao estilo, e que o torna conciso e fértil. Se as idéias dos escritores são importantes, brilhantes e, em geral, dignas de comunicação, elas necessariamente fornecerão matéria e substância suficientes para preencher os períodos que lhes dão expressão, e os tornarão, em todas as suas partes, tanto gramaticalmente quanto verbalmente completos; e tanto será este o caso que ninguém jamais os encontrará ociosos, vazios ou frágeis. A dicção será sempre breve e fértil, e permitirá que o pensamento encontre uma expressão inteligível e simples, e até mesmo que se desdobre e se mova com graça.

Portanto, em vez de contrair suas palavras e sua forma de expressão, um escritor deve ampliar seus pensamentos. Se um homem foi desbastado por uma doença e encontra suas roupas muito grandes, ele não deve cortá-las, mas recuperar sua condição corporal habitual para fazer com que elas voltem a caber nele.

Deixe-me aqui mencionar um erro de estilo que está muito prevalecente hoje em dia, e que, dado o estado degradado da literatura e ao abandono das línguas antigas, está sempre em expansão; refiro-me à *subjetividade*. Um escritor comete esse erro quando ele acha que basta que ele próprio conheça aquilo que quer dizer, e, desse modo, não pensa no leitor, que é abandonado na busca da questão. Isso é como se o autor estivesse realizando um monólogo; enquanto que deveria haver um diálogo; e um diálogo, portanto, no qual ele deveria se expressar ainda mais claramente, já que não pode ouvir as perguntas de seu interlocutor.

Por isso, o estilo nunca deve ser subjetivo, mas *objetivo*; e ele não será objetivo a menos que as palavras sejam tão bem definidas que forcem diretamente o leitor a pensar exatamente a mesma coisa que o autor pensou quando as escreveu. Esse resultado também não será obtido a menos que o autor tenha sempre tomado o cuidado de lembrar que o pensamento até agora

segue a lei da gravidade e viaja da cabeça para o papel muito mais facilmente do que do papel para a cabeça; de modo que o autor deve auxiliar esta última passagem por todos os meios ao seu alcance. Se ele fizer isso, as palavras de um escritor terão um efeito puramente objetivo, como o de uma pintura a óleo; O estilo subjetivo não é muito mais certo em seu funcionamento do que as manchas na parede, que parecem figuras apenas para alguém cuja fantasia foi acidentalmente despertada por elas; as outras pessoas não vêem nada além de manchas e borrões. A diferença em questão se aplica ao método literário como um todo; mas é frequentemente estabelecida também em casos particulares. Por exemplo, em uma obra publicada recentemente, encontrei a seguinte frase: – *Não escrevi a fim de aumentar o número de livros existentes*. Isso significa exatamente o oposto do que o escritor queria dizer, e também é um disparate.

Aquele que escreve descuidadamente confessa, desde o início, que não dá muita importância a seus próprios pensamentos. Pois é somente quando um homem está convencido da verdade e da importância de seus pensamentos que ele sente o entusiasmo necessário para realizar um esforço incansável e assíduo para encontrar a melhor, mais clara, e mais forte expressão para eles, – como ocorre com as relíquias sagradas e com as obras de valor inestimável: são providenciados recipientes de ouro e prata para elas. Foi este sentimento que levou os autores antigos, cujos pensamentos – expressos em suas próprias palavras – sobreviveram milhares de anos e, por isso, levam o honroso título de *clássicos*, eles sempre foram escritos com cuidado. Diz-se que Platão escreveu a introdução de sua *República* sete vezes, de maneiras diferentes.

Na medida em que o descuido com o vestuário trai o desejo de respeito pela companhia que um homem encontra, um estilo precipitado, descuidado e ruim mostra uma falta de consideração escandalosa para com o leitor, que então o castiga, com razão, recusando-se a ler o livro. É especialmente divertido ver revisores criticando as obras dos outros em seu próprio estilo descuidado - o estilo de um mercenário: é como se um juiz viesse ao tribunal em roupão e chinelos! Se vejo um homem mal vestido e sujo, sinto alguma hesitação, no início, em entrar em conversa com ele: e quando, ao pegar um livro, fico imediatamente impressionado com a negligência de seu estilo, eu o guardo.

Uma boa escrita deve ser governada pela regra de que um homem só pode pensar claramente uma coisa de cada vez; e, portanto, que não se deve esperar que ele pense duas ou até mais coisas em um mesmo momento. Mas isto é o que se faz quando um escritor divide sua frase principal em pequenos pedaços, com o propósito de empurrar para dentro das lacunas assim feitas dois ou três outros pensamentos por meio de parênteses; confundindo o leitor, desnecessariamente e sem querer. E aqui estão novamente os meus próprios compatriotas, que são os principais culpados. O alemão se presta a essa forma de escrever, torna a coisa possível, mas não a justifica. Nenhuma prosa é mais fácil ou agradável de ler do que a francesa, porque, via de regra, está livre do erro em questão. O francês amarra seus pensamentos, na medida do possível, na ordem mais lógica e natural, e assim os coloca diante de seu leitor, um após o outro, para uma conveniente deliberação, de modo que cada um deles possa receber uma atenção indivisível. O alemão, por outro lado, tece-os juntos em uma frase que ele torce e cruza, e cruza e torce novamente; porque ele quer dizer seis coisas de uma só vez, em vez de fazê-las avançar uma a uma. Seu objetivo deveria ser atrair e manter a atenção do leitor; mas, acima e além da negligência desse objetivo, ele exige do leitor que defenda a regra mencionada acima, e pense três ou quatro pensamentos diferentes ao mesmo tempo; ou, como isso é impossível, que seus pensamentos se sucedam tão rapidamente quanto as vibrações de uma corda. Dessa forma, um autor lança os alicerces de seu *stile empesé*, que depois é levado à perfeição pelo uso de expressões pomposas e de grandes dimensões para comunicar as coisas mais simples, e outros artifícios do mesmo tipo.

Nessas longas frases, ricas em envolventes parênteses, semelhantemente a uma caixa de caixas, uma dentro da outra, e estofadas como gansos assados e recheados com maçãs, é da *memória* que se exige mais, quando, na verdade, deveriam ser postos em jogo a capacidade de entendimento e de julgamento, ao invés de dificultar e enfraquecer o seu uso. Esse tipo de frase fornece ao leitor apenas meias frases, que ele é então chamado a recolher cuidadosamente e armazenar em sua memória, como se fossem pedaços de uma carta rasgada, para depois serem completadas e entendidas pelas outras metades às quais pertencem respectivamente. Espera-se que ele continue lendo por um tempo, sem exercer qualquer pensamento, ou melhor, exercitando apenas sua memória, na esperança de que, ao chegar ao final da



frase, ele possa ver seu significado e assim receber algo em que pensar; portanto, é-lhe proporcionado muito o que aprender de cor antes que obtenha algo para entender. Isto é manifestamente errado e um abuso da paciência do leitor.

O escritor comum tem uma preferência inconfundível por esse estilo, porque ele faz com que o leitor passe tempo e tenha dificuldades para entender o que teria compreendido em um instante, não fosse por ele; e isso faz com que pareça que o escritor tem mais profundidade e inteligência do que o leitor. Este é, de fato, um daqueles artifícios mencionados acima, por meio do qual autores medíocres inconscientemente, e como que por instinto, lutam para esconder sua pobreza de pensamento e dar uma aparência do oposto. Seu engenho a este respeito é realmente espantoso.

É manifestamente contra toda e qualquer razão plausível colocar um pensamento obliquamente em cima de outro, como se ambos juntos formassem uma cruz de madeira. Mas isso é o que se faz quando um escritor interrompe o que começou a dizer, com o propósito de inserir alguma matéria bastante estranha; depositando assim perante o leitor uma meia frase sem sentido, e lhe pedindo que a guarde até que a conclusão chegue. É como se um homem tratasse seus convidados entregando-lhes um prato vazio... na esperança de que algo aparecesse sobre ele. E as vírgulas usadas para um propósito semelhante pertencem à mesma família, como notas ao pé da página e parênteses no meio do texto; ou melhor, todas as três diferem apenas em grau. Se Demóstenes e Cícero ocasionalmente inseriram palavras entre parênteses, elas fizeram melhor sempre que se refrearam.

Mas esse estilo de escrita torna-se o cúmulo do absurdo quando os parênteses não são sequer encaixados na estrutura da sentença, mas sim encaixados de forma a fragmentá-la diretamente. Se, por exemplo, é uma coisa impertinente interromper outra pessoa quando ela está falando, não é menos impertinente interromper-se a si mesmo. Mas todos os autores maus, descuidados e apressados, que escrevem visando dinheiro, usam esse estilo de escrever seis tempos em uma página, e se alegram com isso. Ele consiste em - é aconselhável dar a regra e o exemplo juntos - quebrar uma frase para colá-la em uma outra. Nem é apenas por preguiça que eles escrevem assim. Eles o fazem por estupidez; pensam que há uma charmosa *légèreté* nisso; que

isso dá vida ao que eles dizem. Sem dúvida, há alguns raros casos em que tal forma de sentença pode ser perdoada.

Poucos escrevem da forma como um arquiteto constrói; ele, antes de começar a trabalhar, esboça seu plano e o pensa até seus mínimos detalhes. Não, a maioria das pessoas escreve apenas como se estivesse jogando dominó; e como nesse jogo as peças são dispostas metade por concepção, metade por acaso, assim é com a sequência e com a conexão de suas sentenças. Eles só têm uma idéia de qual será a forma geral de seu trabalho e do objetivo a que eles mesmos se propõem. Muitos ignoram até mesmo isto, e escrevem do mesmo modo que os insetos corálinos constroem: período se junta a período, e só Deus sabe o que o autor quis dizer.

A vida hoje em dia vai a galope; e a forma como isso afeta a literatura está fazendo com que ela seja extremamente superficial e desleixada.

### III – Sobre o Estudo do Latim

A abolição do latim como língua universal dos homens cultos, juntamente com a ascensão daquele provincianismo ligado às literaturas nacionais, tem sido uma verdadeira desgraça para a causa do conhecimento na Europa. Foi principalmente por meio da língua latina que existiu na Europa um público erudito – um público ao qual cada livro, tal como foi publicado, recorria diretamente. O número de mentes em toda a Europa que são capazes de pensar e julgar é pequeno, tal como é; mas quando o público é dividido e cortado por diferenças de idioma, o bem que essas mentes podem fazer enfraquece muito. Essa é uma grande desvantagem; mas uma segunda e pior se seguirá, a saber: que as antigas línguas deixarão de ser ensinadas. A negligência com relação a elas está ganhando rapidamente terreno tanto na França quanto na Alemanha.

Se realmente chegar a isto, adeus humanidade! Adeus, nobre gosto e grandes pensamentos! A era da barbárie voltará, apesar das ferrovias, dos telégrafos e dos balões. Assim, no final, perderemos mais uma vantagem possuída por todos os nossos antepassados. Porque o latim não é apenas uma chave para o conhecimento da antiguidade romana; ele também nos abre diretamente a Idade Média de todos os países da Europa, e também dos tempos modernos, até aproximadamente o ano de 1750. Erigena, por exemplo, no século IX, João de Salisbury no décimo segundo, Raymond Lully no décimo terceiro, juntamente com uma centena de outros, falam diretamente conosco na língua que naturalmente adotaram ao pensar nas questões aprendidas. Assim, eles chegam bem perto de nós, e, mesmo a esta distância no tempo, estamos em contato direto com eles e chegamos realmente a conhecê-los. Como teria sido se todos eles falassem na língua que era comum à sua época e ao seu país? Não poderíamos compreender nem

mesmo a metade do que disseram. Um verdadeiro contato intelectual com eles seria impossível. Deveríamos vê-los como sombras no horizonte mais distante, ou, talvez, através do telescópio do tradutor.

Foi com a vantagem de escrever em latim que Bacon - como ele próprio afirma expressamente - procedeu à tradução de seus *Ensaio*s para essa língua, sob o título *Sermones fideles*; no qual o trabalho de Hobbes o auxiliou.<sup>[11]</sup>

Aqui, deixe-me observar, a título de parênteses, que quando o patriotismo tenta insistir em suas reivindicações no domínio do conhecimento comete uma ofensa que não deve ser tolerada. Com efeito, naquelas questões puramente humanas que interessam a todos os homens – onde a verdade, a intuição, a beleza, devem ser as únicas coisas a se considerar – o que pode ser mais impertinente do que deixar a preferência pela nação à qual o eu precioso de um homem pertence afetar o equilíbrio do julgamento e fornecer, desse modo, uma razão para fazer violência à verdade e ser injusto para com as grandes mentes de um país estrangeiro no intuito de destacar as mentes menores do seu próprio!? Ainda assim, há escritores em todas as nações da Europa que dão exemplos desse sentimento vulgar. Foi isto que levou Yriarte a caricaturá-los no trigésimo terceiro capítulo de suas encantadoras *Fábulas Literárias*.<sup>[12]</sup>

Ao aprender uma língua, a principal dificuldade consiste em familiarizar-se com cada idéia que ela expressa, mesmo que ela use palavras para as quais não existe um equivalente exato na língua materna; e isso acontece com frequência. Quando se aprende uma nova língua, um homem tem, por assim dizer, de marcar em sua mente os limites das esferas de idéias completamente novas, o resultado é que surgem esferas de idéias onde antes não havia nenhuma. Assim, ele não apenas aprende palavras, ele também ganha idéias.

Em nenhum outro lugar isso acontece tão bem quanto no aprendizado de línguas antigas, pois as diferenças que elas apresentam em seu modo de expressão, em comparação com as línguas modernas, são maiores do que as que podem ser encontradas entre as línguas modernas em comparação umas com as outras. Isso é demonstrado pelo fato de que, ao traduzir para o latim, deve-se recorrer a outras expressões que não aquelas que estão em uso no original. O pensamento a ser traduzido deve ser derretido e reformulado; em

outras palavras, ele deve ser analisado e depois recomposto. É justamente esse processo que faz com que o estudo das línguas antigas contribua tanto para a educação da mente.

Daí resulta que o pensamento de um homem varia de acordo com o idioma em que ele fala. Suas idéias passam por uma nova modificação, um sombreado diferente, por assim dizer, no estudo de cada nova língua. Assim, o conhecimento de muitas línguas não é apenas uma vantagem indireta, mas é também um meio direto de cultivo intelectual, na medida em que corrige e amadurece idéias, dando destaque a sua natureza multifacetada e suas diferentes variedades de significado, bem como também aumenta a destreza do pensamento; porque, no processo de aprendizagem de muitas línguas, as idéias se tornam mais independentes das palavras. As antigas línguas produzem isso em um grau incomparavelmente maior do que as modernas, em virtude da diferença à qual eu aludi.

Pelo que afirmei, é óbvio que imitar o estilo dos antigos em sua própria língua, que é muito superior à nossa em termos de perfeição gramatical, é a melhor maneira de se preparar para uma expressão hábil e acabada do pensamento na língua materna. Ou melhor, se um homem quer ser um grande escritor, não deve omitir isso, assim como, no caso da escultura ou pintura, o estudante deve educar-se copiando as grandes obras-primas do passado, antes de prosseguir para uma obra original. É somente aprendendo a escrever latim que um homem chega a tratar a dicção como uma arte. O material desta arte é a linguagem, que deve, portanto, ser tratada com o maior cuidado e delicadeza.

O resultado de tal estudo é que um escritor prestará muita atenção ao significado e ao valor das palavras, à sua ordem e conexão, e às suas formas gramaticais. Ele aprenderá a pesá-las com precisão, tornando-se assim um especialista no uso desse precioso instrumento, que não se destina apenas a expressar pensamento, mas também à sua preservação. Além disso, ele aprenderá a sentir respeito pela língua em que escreve, e assim estará a salvo de qualquer tentativa de remodelá-la mediante um tratamento arbitrário e inconsequente. Sem essa formação, a escrita de um homem pode facilmente degenerar em mera tagarelice.

Ser absolutamente desconhecedor da língua latina é como estar em um belo país em um dia nublado. O horizonte é extremamente limitado. Nada pode ser visto claramente exceto aquilo que está bem próximo; alguns passos além, tudo está enterrado na obscuridade. Mas o latinista tem uma visão ampla, abrangendo os tempos modernos, a Idade Média e a Antiguidade; e seu horizonte mental é ainda mais ampliado se ele estudar grego ou mesmo sânscrito.

Se um homem não sabe latim, ele pertence ao vulgar, embora seja um grande virtuoso em relação à máquina elétrica e tenha uma boa base sobre o ácido fluorídrico que está em seu cadinho.

Não há melhor diversão para a mente do que o estudo dos antigos clássicos. Pegue qualquer um deles em suas mãos, seja sequer por apenas meia hora, e você se sentirá renovado, aliviado, purificado, enobrecido, fortalecido; como se saciasse sua sede em uma fonte de água pura. É esse o efeito da linguagem antiga e de sua perfeita expressão, ou é a grandeza das mentes cujos trabalhos permanecem ilesos e não enfraquecidos pelo lapso de mil anos? Talvez as duas coisas juntas. Mas isto eu sei: se a catástrofe que ameaça chegar, e as línguas antigas deixarem de ser ensinadas, surgirá uma nova literatura, uma literatura tão bárbara, rasa e sem valor como nunca foi vista antes.

## IV – Sobre os Homens Dedicados ao Aprendizado

Quando se vê o número e a variedade de instituições que existem para fins de educação, e a vasta multidão de estudantes e professores, pode-se imaginar que a raça humana está muito preocupada com a verdade e com a sabedoria. Mas também aqui as aparências são enganosas. Os professores ensinam no intuito de ganhar dinheiro, e se esforçam, não em busca de sabedoria, mas do espetáculo exterior e da reputação de sabedoria; e os estudantes aprendem, não por causa do conhecimento e do discernimento, mas para serem capazes de tagarelar e dar ares a si próprios. A cada trinta anos uma nova raça vem ao mundo – um jovem que nada sabe sobre nada, e que, depois de devorar, de maneira resumida e com toda pressa, os resultados do conhecimento humano tal como foram acumulados durante milhares de anos, ambiciona ser considerado mais inteligente do que todo o passado. Com essa finalidade, ele vai para a Universidade, e se dedica à leitura de livros – livros novos, em conformidade com sua idade e posição. Tudo o que lê deve ser-lhe apresentado de modo resumido, deve ser novo! Ele mesmo é novo. Então, ele se entrega e tece críticas. E não estou levando minimamente em conta os estudos que são empreendidos com o único objetivo de se ganhar a vida.

Estudantes, e pessoas cultas de todos os tipos e de todas as idades, visam, como regra geral, adquirir *informação* em vez de conhecimento. Eles se esforçam em aprender sobre todas as pedras, plantas, batalhas, experimentos, e sobre todos os livros existentes. Nunca lhes ocorre que a informação é apenas um meio de percepção, e em si mesma é de pouco ou de nenhum valor; que é a sua maneira de *pensar* que faz do homem um filósofo. Quando ouço falar desses prodígios da aprendizagem e de sua imponente erudição, às vezes digo para mim mesmo: Ah, quão pouco eles devem ter pensado para terem sido capazes de ler tanto! E no momento em que encontrei um relato

sobre Plínio, o Velho, informando que ele lia ou ouvia leituras continuamente – à mesa, em uma viagem, ou em seu banho – uma questão se impôs em minha mente: o homem estava tão carente de pensamento próprio que precisava ter o pensamento alheio incessantemente incutido nele, como se fosse um enfermo tuberculoso ingerindo compotas para se manter vivo. E nem a sua credulidade inescrupulosa nem o seu estilo inexpressivamente repulsivo e pouco inteligível – que parece ser o de um homem que está tomando notas, e bem econômico de papel – são capazes de me dar uma impressão positiva sobre a sua capacidade de pensar de forma autônoma.

Percebemos que muita leitura e aprendizagem são prejudiciais a um pensamento próprio; e, da mesma forma, através de muita escrita e ensino um homem perde o hábito de ser bastante claro e, portanto, íntegro em relação às coisas que sabe e entende; simplesmente porque não tem tempo para adquirir clareza ou profundidade. E assim, quando o conhecimento claro lhe falha em suas formulações, ele é forçado a preencher as lacunas com palavras e frases. É isto, e não a aspereza do assunto, que torna a maioria dos livros algo tão tedioso de ler. Há um ditado que diz que um bom cozinheiro pode fazer um prato saboroso mesmo a partir de um sapato velho; e um bom escritor pode tornar as coisas mais secas nas mais interessantes.

Para a maior parte dos homens eruditos, o conhecimento é um meio e não um fim. É por isso que nunca realizarão nenhuma grande obra; porque, para isso, aquele que busca o conhecimento deve persegui-lo como um fim, e tratar todo o resto, mesmo a própria existência, como apenas um meio. Pois tudo que o homem busca sem base na própria coisa não é mais do que uma meia-conquista; e a verdadeira excelência, não importa em qual esfera, só pode ser alcançada quando a obra está sendo produzida unicamente em função do mérito da própria obra, e não como um meio para outros fins.

E assim, também, ninguém jamais conseguirá fazer nada realmente grande e original, em matéria de pensamento, se não procurar adquirir o conhecimento pelo próprio conhecimento, e, fazendo disso o objeto imediato de seus estudos, recusar-se a se incomodar com o conhecimento dos outros. Mas o homem comum, que estuda, o faz no intuito de ensinar e de escrever. Sua cabeça é como um estômago e intestinos que deixam a comida passar por eles sem a digerir. É justamente por isso que seu ensino e sua escrita são de



tão pouca utilidade. Porque não é através de lixo não digerido que as pessoas podem ser nutridas, mas somente através do leite que se escoa a partir do próprio sangue.

A peruca é o símbolo apropriado do homem de estudos, puro e simples. Ela adorna a cabeça com uma quantidade enorme de cabelos falsos, na falta de cabelo próprio: do mesmo modo, erudição significa dotá-la de uma grande massa de pensamentos alheios. Com certeza, isso não veste a cabeça muito bem e de forma natural, nem é de uma utilidade geral e apropriada para todos os fins, nem é algo que está enraizado de maneira muito firme; quando o pensamento alheio se esgota, não é possível substituí-lo imediatamente por outros da mesma fonte, como ocorre no caso daquele pensamento que brota do próprio solo. Por isso encontramos Sterne, em seu *Tristram Shandy*, afirmando corajosamente que *uma grama da inteligência própria de um homem vale uma tonelada da de outras pessoas*.

Na verdade, a mais profunda erudição não se assemelha à genialidade, assim como uma coleção de plantas secas não se assemelha à Natureza, com seu fluxo constante de vida nova, sempre fresca, sempre jovem, sempre mudando. Não há duas coisas mais opostas do que a ingenuidade infantil de um grande autor e o aprendizado por parte de seu comentarista.

*Dilettanti, diletanti!*<sup>[13]</sup> Essa é a maneira leviana pela qual aqueles que perseguem qualquer ramo da arte ou aprendizagem por amor e prazer pela obra – *per il loro diletto*<sup>[14]</sup> – são chamados por aqueles que a assumiram por uma questão de ganho, atraídos apenas pela perspectiva do dinheiro. Este desprezo vem da crença básica de que nenhum homem se dedicará seriamente a um assunto, a menos que seja impelido pela carência, fome ou alguma outra forma de ganância. O público tem a mesma forma de pensar; e daí seu respeito geral pelos profissionais e sua desconfiança em face do *diletante*. Mas a verdade é que o *diletante* trata seu objeto como um fim, enquanto que o profissional, puro e simples, o trata apenas como um meio. Somente um diletante trata um assunto com seriedade, interessando-se diretamente pelo assunto porque gosta dele, abordando-o de *forma intensa*. São estes, e não os mercenários, que sempre fizeram as melhores obras.

Na república das letras ocorre o mesmo que em outras repúblicas; o

privilégio é concedido ao homem comum – aquele que segue seu caminho em silêncio e não se configura como mais inteligente do que os outros. Mas o homem anormal é visto como um perigo ameaçador; as pessoas se unem contra ele no intuito de ter (oh!) a maioria ao seu lado.

A condição dessa república é muito parecida a de um pequeno Estado na América, onde cada homem só tem a intenção de obter sua própria vantagem, e busca reputação e poder para si mesmo, sem ter em conta o bem geral, bem que depois vai à ruína. Assim é na república das letras: é por ele mesmo, e só por si próprio, que um homem se apresenta: porque quer ganhar fama. A única coisa em que todos concordam é em tentar menosprezar um homem realmente eminente – se ele tiver a chance de se mostrar – como se ele fosse um perigo para todos. A partir disso, é fácil perceber como eles se comportam em relação ao conhecimento como um todo.

Entre professores e homens de aprendizagem independente sempre existiu, desde a antiguidade, um certo antagonismo, que talvez possa ser comparado a esse que existe entre cães e lobos. Em virtude de sua posição, os professores desfrutavam de grandes oportunidades para se tornarem conhecidos de seus contemporâneos. Ao contrário, os homens de aprendizagem independente desfrutavam, por sua posição, de grandes condições para se tornarem conhecidos da posteridade; para tal, é necessário que, entre outros e muito mais raros dons, um homem tenha um certo tempo livre e liberdade. Como a humanidade leva muito tempo para descobrir a quem dedicar sua atenção, ambos podem trabalhar juntos, lado a lado.

Pode-se dizer que aquele que tem um título de professor busca sua comida no estábulo; e essa é a melhor forma de se alimentar, no caso dos animais ruminantes. Mas há aqueles que buscam seu alimento diretamente na natureza, estes ficam melhor em campo aberto.

Do conhecimento humano como um todo, e em cada ramo dele, de longe, a maior parte não existe em nenhum outro lugar a não ser no papel – quero dizer, nos livros, aquela memória de papel da humanidade. Apenas uma pequena parte dele está, por um determinado período, realmente ativa nas mentes de pessoas particulares. Isso se deve, principalmente, à brevidade e à incerteza da vida; mas também vem do fato de que os homens são

preguiçosos e inclinados para o prazer. Cada geração atinge, em sua passagem apressada pela existência, tanto do conhecimento humano quanto necessita, e logo desaparece. A maioria dos homens dedicados à aprendizagem é muito superficial. Depois, segue-se uma nova geração, cheia de esperança, mas ignorante, e que precisa aprender tudo desde o início. Ela, por sua vez, aproveita o que pode agarrar, ou achar útil em sua breve passagem, e depois também segue seu caminho. Como seria ruim para o conhecimento humano se não fosse a arte de escrever e imprimir! É isso que faz das bibliotecas a única memória segura e duradoura da raça humana, e por isso que todos os seres humanos buscam ter uma, apesar de ser sempre uma bem limitada e imperfeita. Por isso que a maioria dos homens de estudo são tão resistentes a ter seus conhecimentos examinados quanto os comerciantes são ao expor e mostrar seus livros.

O conhecimento humano se estende para todos os lados, para além do que os olhos podem ver; e daquilo que, em geral, vale a pena saber, ninguém pode possuir nem mesmo a milésima parte.

Todos os ramos do conhecimento foram, desse modo, tão ampliados que aquele que deseja fazer "alguma coisa" não precisa estudar mais do que um único assunto e desconsiderar todos os outros. Em seu próprio campo, é verdade, ele será superior ao vulgar; mas, em tudo o mais, ao vulgar ele pertencerá. Se a isto acrescentarmos aquela negligência em relação às línguas antigas, que agora está aumentando e está acabando com toda a educação em geral nas ciências humanas – pois um simples rabisco de latim e grego não serve de nada – chegaremos a ter homens dedicados ao aprendizado que, fora de sua própria especialidade, exibem uma ignorância verdadeiramente bovina.

Um exclusivo especialista desse tipo se coloca em pé de igualdade com o operário de uma fábrica, cuja vida inteira é gasta na fabricação de um tipo particular de parafuso, ou pegador, ou cabo, de algum instrumento ou máquina em particular, no qual, de fato, ele atinge uma destreza incrível. O especialista também pode ser comparado a um homem que vive em sua própria casa e nunca a abandona. Lá ele está perfeitamente familiarizado com tudo, a cada pequeno degrau, canto ou tábua; assim como o Quasímodo da *Notre Dame* de Victor Hugo, que conhece a catedral; mas, fora dela, tudo lhe

é estranho e desconhecido.

Para obter uma verdadeira cultura nas humanidades é absolutamente necessário que um homem seja multifacetado e tenha uma visão ampla; e, para ser um homem de conhecimento no sentido mais elevado da palavra, é necessário um extenso conhecimento da história. Quem, no entanto, deseja ser um filósofo completo, deve reunir em sua mente os mais remotos fundamentos do conhecimento humano: pois onde mais eles se poderiam encontrar?

São, precisamente, as mentes pertencentes à primeira ordem que nunca serão especialistas. Porque sua própria natureza é fazer de toda a existência humana seu próprio problema; e esse é o assunto sobre o qual cada uma delas, de alguma forma, fornecerá à humanidade uma nova revelação. Só uma mente assim pode merecer o nome de gênio, a que interpreta o Todo, o Essencial e o Universal como temas em suas obras; não aquelas que passam suas vidas explicando alguma relação especial sobre as coisas umas com as outras.

## V – Sobre Pensar Por Si Mesmo

Uma biblioteca pode ser muito grande; mas, se ela estiver em desordem, não é tão útil quanto uma pequena que está bem organizada. Da mesma forma, um homem pode ter uma grande massa de conhecimentos, mas se ele não os tiver trabalhado, pensando sobre eles, isso terá muito menos valor do que uma quantidade muito menor na qual se ponderou completamente. Porque só quando um homem olha aquilo que conhece por todos os lados e combina as coisas que conhece por meio da comparação de verdade com verdade é que obtém um domínio completo sobre o que conhece e o coloca em seu poder. Um homem não pode investigar algo mentalmente a menos que o conheça; ele deve, então, aprender esse algo; mas é apenas quando ele o investiga que pode dizer que realmente o conhece.

Ler e aprender são coisas que qualquer um pode fazer por sua própria vontade; mas não é assim com o *pensamento*. O pensamento deve ser alimentado, como ocorre com o fogo por uma corrente de ar; ele deve ser sustentado por algum interesse no assunto em questão. Esse interesse pode ser de tipo puramente objetivo, ou meramente subjetivo. Este último entra em jogo somente quando se trata de coisas que nos dizem respeito de forma pessoal. O interesse objetivo se limita às cabeças que pensam naturalmente; a quem o pensamento é tão natural quanto a respiração; e elas são muito raras. É por essa razão que a maioria dos homens dedicados à aprendizagem demonstram tão pouco disso.

É incrível o efeito diferente que se produz na mente ao pensar por si mesmo, em comparação com a leitura. Ele persiste e intensifica aquela diferença original na natureza de duas mentes que leva uma a pensar e a outra a ler. O que eu quero dizer é que a leitura força pensamentos alheios sobre a

mente – pensamentos que são tão estranhos à predisposição e ao temperamento em que ela pode estar no momento, como o selo é para a cera na qual carimba sua impressão. A mente está, portanto, inteiramente sob uma coação de fora; ela é levada a pensar isto ou aquilo, embora, no momento, possa não ter o menor impulso ou inclinação para fazê-lo.

Mas quando um homem pensa por si mesmo ele segue o impulso de sua própria mente, que é determinado para ele em seu próprio tempo, seja por seu ambiente ou por alguma lembrança particular. O mundo visível do entorno de um homem não imprime, como o faz a leitura, um pensamento *único* e definido em sua mente, mas dá meramente o assunto e a ocasião que o leva a pensar no que é apropriado à sua natureza e ao seu temperamento atual. É assim que muita leitura priva a mente de toda elasticidade; como ocorre com o fato de se manter uma mola continuamente sob pressão. A maneira mais segura de não ter pensamentos próprios é pegar um livro a cada momento que não se tem mais nada a fazer, é esta prática que explica por que a erudição torna a maioria dos homens mais estúpidos e bobos do que eles são por natureza, e impede que seus escritos obtenham qualquer medida de sucesso. Eles permanecem, segundo as palavras de Pope:

*“Para sempre lendo, nunca sendo lidos!”*<sup>[15]</sup>

Os homens de conhecimento são aqueles que fizeram a leitura nas páginas de um livro. Pensadores e homens de gênio são aqueles que foram direto para o livro da Natureza; são eles que iluminaram o mundo e levaram a humanidade mais longe em seu caminho. Se os pensamentos de um homem possuem verdade e vida, eles devem, em última análise, ser considerados pensamentos fundamentais; pois estes são os únicos que ele pode compreender plena e integralmente. Ler os pensamentos dos outros é como aceitar as sobras de uma refeição para a qual não fomos convidados, ou vestir as roupas que algum visitante desconhecido pôs de lado.

O pensamento que lemos está relacionado ao pensamento que brota de nós mesmos do mesmo modo que o fóssil de uma planta pré-histórica pode ser comparado a uma planta que brota na primavera.

A leitura nada mais é do que um substituto para o pensamento próprio.

Significa amarrar a mente em cordões de chumbo. A infinidade de livros que há serve apenas para mostrar quantos caminhos falsos existem, e como o homem pode errar muito se seguir qualquer um deles. Mas aquele que é guiado por seu gênio, aquele que pensa por si mesmo, que pensa espontânea e exatamente, possui a única bússola pela qual ele pode dirigir corretamente. Um homem só deve ler quando seus próprios pensamentos estagnam na origem deles, o que acontecerá com frequência suficiente mesmo com a melhor das mentes. Por outro lado, pegar um livro com o propósito de afugentar os próprios pensamentos originais é pecado contra o Espírito Santo. É como fugir da Natureza para ver um museu de plantas secas ou olhar para uma paisagem feita em chapa de cobre.

Um homem pode descobrir alguma porção de verdade ou sabedoria depois de passar muito tempo e dificuldade pensando por si mesmo e acrescentando pensamento a pensamentos; às vezes pode acontecer que encontre tudo isso pronto em um livro e se poupe ao trabalho. Mas, mesmo assim, é cem vezes mais valioso quando ele a adquire pensando por si mesmo. Pois é somente quando adquirimos nosso conhecimento dessa maneira que ele entra como parte integrante, um membro vivo, em todo o sistema de nosso pensamento; que se estabelece uma completa e firme relação com aquilo que sabemos; que ele é compreendido juntamente com tudo que lhe subjaz e se segue dele; que se usa a cor, o tom preciso, a marca distintiva de nosso próprio modo de pensar; que ele vem exatamente na hora certa, justamente no momento em que sentimos a necessidade dele; que ele se mantém firme e não pode ser esquecido. Essa é a aplicação perfeita – não a interpretação – do conselho de Goethe sobre o ganhar nossa herança para nós mesmos, para que possamos realmente possuí-la:

*Was du ererbt von deinen Vatern hast,  
Erwirb es, um es zu besitzen.*<sup>[16]</sup>

O homem que pensa por si mesmo forma suas próprias opiniões e só mais tarde aprende a autoridade delas, quando esta serve apenas para fortalecer sua crença sobre elas e em si mesmo. Mas o “filósofo-livrista” inicia a partir das autoridades. Ele lê os livros de outras pessoas, coleta suas várias opiniões e assim forma um todo para si mesmo, que se assemelha a um autômato feito de tudo, menos de carne e sangue. Diferentemente, aquele que pensa por si

mesmo cria uma obra semelhante a um homem vivo, tal como é feito pela Natureza. Porque a obra nasce, como nasce um homem; a mente pensante é impregnada pelo exterior, e depois se forma e gera seu filho.

A verdade que foi meramente aprendida é como um membro artificial, um dente falso, um nariz de cera; na melhor das hipóteses, como um nariz feito da carne alheia; ela só adere a nós porque é imposta. Mas a verdade adquirida pensando por nós mesmos é como um membro natural; só ela realmente nos pertence. Essa é a diferença fundamental entre o pensador e o mero homem de aprendizado. As conquistas intelectuais de um homem que pensa por si mesmo se assemelham a uma bela pintura, onde a luz e a sombra correspondem, o tom sustentado, a cor perfeitamente harmonizada; é fiel à vida. Por outro lado, as conquistas intelectuais do mero homem de aprendizado são como uma grande paleta, cheia de todos os tipos de cores, que no máximo são organizadas sistematicamente, mas desprovidas de harmonia, conexão e significado.

Ler é pensar com a cabeça de outra pessoa em vez de pensar com a sua própria cabeça. Pensar com a própria cabeça é sempre ter como objetivo o desenvolvimento de um todo coerente – um sistema, embora ele não seja um totalmente completo; e nada impede tanto isso quanto uma forte corrente de pensamentos alheios, como acontece com a leitura contínua. Esses pensamentos, brotando cada um deles de mentes diferentes, pertencentes a sistemas diferentes, e tingidos com cores diferentes, nunca fluem juntos em um todo intelectual; eles nunca formam uma unidade de conhecimento, ou de percepção, ou de convicção; mas, ao contrário, enchem a cabeça como numa confusão babilônica de línguas. A mente que está sobrecarregada com o pensamento alheio é, portanto, privada de toda percepção clara e, por isso, é bem desorganizada. Esse é o estado das coisas observáveis em muitos dos homens de conhecimento; e isso os torna inferiores em bom senso, juízo correto e tato prático, a muitas pessoas iletradas que, depois de obterem um pouco de conhecimento externo – por meio da experiência do relacionamento com os outros e de uma pequena quantidade de leitura –, sempre o subordinam e o corporificam com o seu próprio pensamento.

O *pensador* realmente científico faz o mesmo que essas pessoas iletradas, mas em uma escala maior. Embora ele tenha a necessidade de muito



conhecimento, e por isso deve ler muito, sua mente é, no entanto, suficientemente forte para dominá-lo, assimilá-lo e incorporá-lo com o sistema de seus pensamentos, e assim fazê-lo encaixar-se com a unidade orgânica de sua visão, que, embora vasta, está sempre crescendo. E, no processo, seu pensamento próprio – assim como o baixo em um órgão – sempre domina tudo, e nunca é afogado por outros tons, como acontece com as mentes que estão cheias de meras lendas da antiguidade; onde pedaços de música, por assim dizer, em cada tecla, se misturam confusamente, e nenhuma nota fundamental é ouvida de maneira alguma.

Aqueles que passaram suas vidas lendo, e tiraram sua sabedoria dos livros, são como pessoas que obtiveram informações precisas sobre um país a partir das várias descrições de muitos viajantes. Tais pessoas podem dizer muito sobre o assunto; mas, no fim das contas, elas não têm nenhum conhecimento profundo, claro e interligado sobre a condição real dele. Mas aqueles que dedicaram suas vidas ao pensar se parecem com os próprios viajantes; só eles realmente sabem do que estão falando; eles estão familiarizados com o estado real das coisas, e estão bastante à vontade nesse assunto.

O pensador tem a mesma relação para com o filósofo-livrista comum que uma testemunha ocular tem para com o historiador; ele fala do conhecimento direto de si mesmo. É por isso que todos aqueles que pensam por si mesmos chegam, no final, às mesmas conclusões. As diferenças que apresentam são devidas a seus diferentes pontos de vista; e quando estes não afetam o assunto, todos falam da mesma maneira. Eles simplesmente expressam o resultado de sua própria percepção objetiva das coisas. Há muitas passagens em minhas obras que só dei ao público após alguma hesitação, por causa de sua natureza paradoxal; e depois experimentei uma agradável surpresa ao encontrar a mesma opinião registrada nas obras de grandes homens que viveram há muito tempo.

O filósofo-livrista apenas relata o que uma pessoa disse e outra entendeu, ou as objeções levantadas por uma terceira, e assim por diante. Ele compara diferentes opiniões, pondera, critica e tenta chegar à verdade sobre o assunto; aqui, ele fica em pé de igualdade com o crítico historiador. Por exemplo, ele se disporá a perguntar se Leibnitz não foi por algum tempo um seguidor de Spinoza, e perguntas de natureza semelhante. O estudante curioso sobre tais

assuntos pode encontrar exemplos evidentes do que quero dizer na obra de Herbart “*Elucidação Analítica da Moralidade e do Direito Natural*”, e nas “*Cartas sobre a Liberdade*”, do mesmo autor. Pode ser sentida alguma surpresa com o fato de um homem desse gênero se prestar a tanto trabalho; pois, à primeira vista, se ele apenas examinasse o assunto, pensando por si mesmo, rapidamente alcançaria seu objeto pelo exercício de um pouco de reflexão. Mas há uma pequena dificuldade no caminho: isso não depende de sua própria vontade. Um homem pode sempre sentar-se e ler, mas não é assim com o pensar. Ocorre com os pensamentos o mesmo que ocorre aos homens: eles nem sempre podem ser convocados à vontade; devemos esperar que eles venham. O pensamento sobre um assunto deve aparecer por si mesmo, por uma feliz e harmoniosa combinação do estímulo externo com o temperamento mental e a atenção; e é exatamente o que parece nunca acontecer a essas pessoas.

Essa verdade pode ser ilustrada pelo que acontece no caso dos assuntos que afetam nossos próprios interesses pessoais. Quando é necessário chegar a alguma resolução acerca de um assunto desse tipo, não podemos sentar-nos em um determinado momento, pensar sobre os méritos do caso e tomar uma decisão; pois, se tentamos fazê-lo, muitas vezes nos vemos incapazes, naquele momento em particular, de manter nossa mente fixa no assunto; ela vagueia para outras coisas. A aversão ao assunto em questão às vezes é a culpada por isso. Em tal caso, não devemos usar a força, mas esperar que o estado de espírito adequado venha por si próprio. Muitas vezes, ele vem inesperadamente, e retorna de novo, e de novo; e a variedade de temperamentos com os quais nos aproximamos do assunto em momentos diferentes o coloca sempre sob uma nova luz. É este longo processo que é entendido pelo termo “*resolução madura*”. Pois o trabalho de chegar a uma resolução deve ser distribuído; e, nesse processo, muito do que é negligenciado em um momento nos ocorre em outro; e a aversão desaparece quando descobrimos, como geralmente acontece, em uma inspeção mais detalhada, que as coisas não são tão ruins quanto pareciam.

Esta regra se aplica à vida do intelecto, bem como às questões práticas. Um homem deve esperar pelo momento certo. Nem mesmo a melhor mente é capaz de pensar por si mesma em todos os momentos. Daí que uma grande mente faz bem em gastar seu tempo livre na leitura, que, como já afirmei, é

uma substituta do pensamento: A leitura traz coisas à mente, ao deixar que outra pessoa pense em nosso lugar; apesar disso sempre ser feito de um modo que não é nosso. Portanto, um homem não deve ler demais, para que sua mente não se acostume com o pensamento substituto e assim esqueça da realidade; para que não forme o hábito de caminhar por caminhos já bem gastos; e para que, seguindo um curso de pensamento alheio, não se torne uma estranha para si mesma. Muito menos um homem deve retirar seu olhar do mundo real pelo simples fato de ler; pois o impulso e o temperamento que levam a pensar por si mesmo vêm com maior frequência do mundo da realidade do que do mundo dos livros. A vida real que um homem vê diante dele é o objeto natural do pensamento; e em sua força como elemento primário da existência, pode mais facilmente despertar e influenciar a mente pensante.

Depois dessas considerações, não será motivo de surpresa o fato de que um homem que pensa por si mesmo possa ser facilmente distinguido do filósofo-livrista pela maneira própria de sua fala, por sua seriedade marcante, pela sua originalidade e clareza, e pela convicção pessoal que marca todos os seus pensamentos e expressões. Já o filósofo-livrista permite que se veja que tudo o que ele tem é de segunda mão; que suas idéias são como a tralha e o lixo de uma velha loja de móveis, coletados por todos os bairros. Mentalmente, ele é maçante e sem sentido - uma cópia de uma cópia. Seu estilo literário é composto de frases convencionais... ou melhor, de frases bem vulgares e de termos que são bem atuais; a este respeito, ele é muito parecido com um pequeno Estado, onde todo o dinheiro que circula é estrangeiro: porque lá não há moeda própria.

Do mesmo modo que a leitura, a simples experiência adquirida não pode substituir o pensar. Ela tem a mesma relação com o pensar que o ato de comer tem com a digestão e a absorção do alimento. Quando a experiência se gaba de que o avanço da raça humana deve-se somente às suas descobertas, é como se a boca reclamasse todo o crédito por manter o corpo saudável.

As obras de todas as mentes verdadeiramente capazes são diferenciadas por um aspecto de *decisão* e *definição*, o que significa que elas são claras e livres de obscuridade. Uma mente verdadeiramente capaz sabe sempre, de maneira definitiva e clara, o que quer expressar, quer seu meio seja a prosa, o verso ou

a música. As outras mentes não são decididas e não definem bem as coisas; e é graças a isso que podem ser reconhecidas exatamente pelo que são.

O sinal característico de uma mente da mais alta ordem é que ela sempre julga em primeira mão. Tudo o que ela desenvolve é fruto do pensar por si mesma; e isso é evidente em todos os lugares pela maneira como ela expressa seus pensamentos. Uma mente assim é como um Príncipe. No reino do intelecto, sua autoridade é imperial, enquanto a autoridade das mentes de ordem inferior é aquela autoridade exclusivamente delegada; tal como pode ser visto em seu estilo, que não tem um selo independente e próprio.

Todo aquele que realmente pensa por si mesmo é, sem dúvida, como um monarca. Sua posição é indelegável e suprema. Seus julgamentos, assim como os decretos reais, brotam de seu próprio poder soberano e procedem diretamente de si próprio. Ele reconhece uma autoridade tão pouco quanto um monarca admite um comando; ele não subscreve nada além daquilo que ele mesmo autorizou. Já a multidão de mentes comuns, que trabalha sob todo tipo de opiniões vigentes, autoridades e preconceitos, é como o povo: obedece silenciosamente à lei e aceita as ordens que vêm de cima.

Aqueles que são tão zelosos e ansiosos para solucionar as questões em debate, citando autoridades, ficam muito felizes quando conseguem colocar em campo o entendimento e a intuição alheia, em vez de seus próprios atributos, que são os desejados. O número desses é legião. Porque, como dizia Sêneca, não há outro homem, senão aquele que prefere acreditar ao invés de julgar por si mesmo – *unus quisque mavult credere, quam judicare*. Em suas polêmicas, tais pessoas fazem um uso promíscuo da arma da autoridade, e atacam umas às outras com ela. Se alguém tiver a chance de se envolver em tal disputa, fará bem em não tentar usar a razão e o argumento como um modo de defesa; porque, contra uma arma desse tipo, essas pessoas são como Siegfrieds, dotadas de uma pele de chifre e mergulhadas no dilúvio da incapacidade de pensar e julgar. Elas irão ao encontro do ataque invocando as autoridades como forma de afronta-lo – *argumentum ad verecundiam* – e, depois, clamarão que venceram a batalha.

No mundo real, embora ele nunca seja tão justo, favorável e agradável, vivemos sempre sujeitos à lei da gravidade, que temos que superar

constantemente. Mas, no mundo do intelecto, somos espíritos desencarnados, não somos mantidos em cativeiro por nenhuma lei, e estamos livres de penúria e da angústia. Dessa forma, não existe felicidade na Terra semelhante àquela que surge quando, no momento oportuno, uma boa e frutífera mente descobre a si própria.

A presença de um pensamento é como a presença da mulher que amamos. Gostaríamos de nunca esquecer de pensar e de nunca ficar indiferentes à pessoa querida. Mas, longe da vista, longe da mente! O melhor pensamento corre o risco de ser irrevogavelmente esquecido se não o escrevermos, e a amada de ser abandonada se não nos casarmos com ela.

Há muitos pensamentos que são valiosos para o homem que os pensa; mas apenas alguns deles possuem força suficiente para produzir efeitos reflexivos e repercussões – quero dizer, conquistar a simpatia do leitor após terem sido colocados no papel.

Mas, ainda assim, não se deve esquecer que o verdadeiro valor só se atribui ao que um homem pensou em primeira instância e através *de suas próprias experiências*. Os pensadores podem ser classificados de acordo com o que eles pensam, principalmente, se pensam por experiência própria ou por meio da experiência alheia. Os primeiros são os autênticos pensadores independentes; eles, de fato, pensam e são de fato independentes; estes são os verdadeiros *filósofos*; os únicos realmente sérios. O prazer e a felicidade de sua existência consistem em pensar. Os outros são os *sofistas*; eles querem parecer o que não são, e buscam sua felicidade naquilo que esperam obter do mundo. Eles não dizem nada realmente sério sobre nada. Um homem pode ser classificado em uma dessas duas classes graças ao seu estilo e modo. Lichtenberg é um exemplo da primeira classe; Herder, não há dúvidas, pertence à segunda.

Quando alguém considera quão vasto e quão próximo de nós é *o problema da existência* – essa nossa existência equívoca, torturada, fugaz e onírica –, tão vasto e tão próximo que um homem não o descobre antes de que ele lhe ofusque e obscureça todos os seus outros problemas e metas; e quando esse alguém percebe que todos os homens, salvo raras exceções, não têm uma consciência clara desse problema... ou melhor, que os homens parecem estar

bem inadvertidos da presença dele, pois ocupam-se com todas as outras coisas, menos com ele, e seguem com a vida, pensando apenas no dia que se passa e no período curto de futuro que lhes resta... ou quando esse alguém percebe que, ao invés disso, os homens descartam este problema expressamente, ou então se prontificam a resolvê-lo rápido demais, assumindo qualquer sistema metafísico popular e deixando que isso o resolva; quando, eu digo, esse alguém leva tudo isso em consideração, ele pode chegar à opinião de que o homem só pode ser considerado *um ser pensante* apenas em um sentido muito remoto, e, doravante, pode não sentir nenhuma surpresa especial por qualquer traço de negligência ou de estupidez humana; mas ele sabe, apesar disso, que o alcance intelectual do homem normal se estende, de fato, para além do dos seres brutos, cuja existência inteira é, por assim dizer, um presente contínuo, sem consciência do passado ou do futuro, mas ele sabe também que essa distância não é tão imensurável como geralmente se supõe.

Isso é, de fato, corroborado pela forma como a maioria dos homens conversa; porque é aí se descobre que seus pensamentos são curtos e aparados, como a grama, de modo que, para eles, se torna impossível fazer um discurso de qualquer comprimento.

Se este mundo fosse povoado por seres realmente pensantes, seria impossível que se tolerasse de maneira tão ilimitada os ruídos de qualquer espécie, incluindo os mais horrendos e inúteis. Se a Natureza pretendesse que o homem pensasse, ela não lhe teria dado ouvidos; ou, pelo menos, ela os teria equipado com abas herméticas, tais como as invejáveis que há em posse do morcego. Mas, na verdade, o homem é um pobre animal como os demais, e seus poderes destinam-se apenas a mantê-lo na luta pela existência; portanto, ele deve manter seus ouvidos sempre abertos, para que eles lhe anunciem, tanto de noite quanto de dia, o aproximar do seu perseguidor.

## VI – Sobre Algumas Formas Literárias

No drama, que é o reflexo mais perfeito da existência humana, há três etapas na apresentação do tema, com uma variedade correspondente no desenho e escopo da peça.

No primeiro, que também é o estágio mais comum, o drama nunca é nada mais do que meramente *interessante*. As pessoas ganham nossa atenção seguindo seus próprios objetivos, que se assemelham aos nossos; a ação avança por meio de intrigas e do jogo de caráter e de incidentes; enquanto a sagacidade e o raciocínio temperam o todo.

Na segunda etapa, o drama se torna *sentimental*. A simpatia é despertada com o herói e, indiretamente, com nós mesmos. A ação dá uma volta patética; mas o fim é pacífico e satisfatório. O clímax é alcançado com a terceira etapa, que é a mais difícil.

Aí o drama visa a ser *trágico*. Somos confrontados com grande sofrimento, com a tempestade, e com o estresse da existência; e o resultado disso é mostrar a vaidade de todo o esforço humano. Profundamente comovidos, ou somos diretamente levados a desvincular nossa vontade da luta pela vida, ou então é tocado em nós um acorde que ecoa um sentimento semelhante.

O início, dizem, é sempre difícil. No drama é exatamente o contrário; pois ali a dificuldade está sempre no final. Isso é comprovado por inúmeras peças que prometem muito bem no primeiro ou segundo ato, e que, depois se tornam confusas, pegajosas ou vacilantes – o que é notório no quarto ato –, finalmente concluem de uma forma forçada, insatisfatória ou há muito prevista por todos. Às vezes, também, o final é absolutamente revoltante,

como em *Emilia Galotti* de Lessing, que envia os espectadores para casa com mau humor.

Essa dificuldade em relação ao final de uma peça de teatro surge em parte porque é mais fácil colocar as coisas em um emaranhado do que retirá-las dele; em parte, também, porque no início damos *carta branca* ao autor para fazer o que ele gosta, mas, no final, fazemos certas exigências concretas a ele. Assim, pedimos uma conclusão que será ou bastante feliz ou bastante trágica; enquanto que os assuntos humanos não tomam uma decisão tão facilmente; e então esperamos que ela seja natural, em forma e em condições, não laboriosa, e, ao mesmo tempo, não prevista por ninguém.

Essas observações também são aplicáveis a um épico e a um romance; mas a natureza mais compacta do drama torna a dificuldade mais clara, aumentando-a.

*Ex nihilo nihil fit*. Nada pode vir do nada é uma máxima tão verdadeira na arte como em qualquer outro lugar. Ao compor um desenho histórico, um bom artista usará os homens vivos como modelos, e tirará da vida o trabalho de base dos rostos; e então procederá a idealizá-los no ponto da beleza ou expressão. Um método semelhante, eu imagino, é adotado por bons romancistas. Ao desenhar um personagem, eles pegam o esboço geral de alguma pessoa real que eles conheçam, e depois o idealizam e completam para adequá-lo ao seu propósito.

Um romance será de uma ordem superior e nobre quanto mais represente o interior, e quanto menos represente o exterior, em relação a vida; e a proporção entre os dois fornecerá um meio de julgar qualquer romance, de qualquer tipo, desde *Tristram Shandy* até o mais cru e sensacional conto de cavaleiro ou bandido. *Tristram Shandy* não tem, de fato, quase nenhuma ação; e não há muita em *La Nouvelle Heloise* e *Wilhelm Meister*. Até mesmo *Dom Quixote* tem relativamente pouca; a que existe nele é muito pouco importante, e é introduzida apenas por diversão. No entanto, estes quatro são os melhores de todos os romances existentes.

Considere, além disso, os maravilhosos romances de Jean Paul, e o quanto a vida interior é mostrada na base mais estreita do evento real. Mesmo nos



romances de Walter Scott há uma grande preponderância da vida interior sobre a exterior, e o incidente nunca é trazido para dentro, a não ser com o propósito de dar jogo ao pensamento e à emoção; enquanto, nos romances ruins, o incidente está lá por sua própria conta. A habilidade consiste em colocar a vida interior em movimento com a menor variedade possível de circunstâncias; pois é esta vida interior que realmente desperta nosso interesse.

O negócio do romancista não é relacionar grandes eventos, mas tornar os pequenos interessantes.

A história, que eu gosto de pensar como sendo o contrário da poesia (*ἱστορούμενον – πεποιημένον*), é para o tempo o que a geografia é para o espaço; e a ela não se pode chamar de ciência, em qualquer sentido estrito da palavra, mais do que a geografia, porque ela não trata de verdades universais, mas apenas de detalhes particulares<sup>[17]</sup>. A história sempre foi o estudo favorito daqueles que desejam aprender alguma coisa sem ter que enfrentar o esforço exigido por qualquer ramo do verdadeiro conhecimento, o qual cobra da inteligência. Em nosso tempo, a história é a busca favorita; como testemunham os numerosos livros sobre o assunto que aparecem a cada ano.

Se o leitor não pode deixar de pensar, como eu, que a história é apenas uma repetição constante de coisas semelhantes – assim como em um caleidoscópio são apresentados os mesmos pedaços de vidro, mas em combinações diferentes –, ele não estará habilitado para compartilhar desse interesse vivo como um todo; nem, todavia, irá censurá-lo. Mas há uma afirmação ridícula e absurda, feita por muitas pessoas, segundo a qual a história é uma parte da filosofia, ou melhor, que ela é a própria filosofia; elas imaginam que a história pode tomar o lugar dela.

A preferência que o grande público de todas as idades demonstra pela história pode ser ilustrada pelo tipo de conversa que está tão em voga em todas as partes da sociedade. Ela consiste basicamente de uma pessoa relacionando algo, e depois outra pessoa relacionando algo mais; de modo que, dessa forma, todos têm a certeza de receber atenção. Tanto neste caso como no caso da história, é evidente que a mente está ocupada com detalhes particulares. Mas, na ciência, assim como em toda conversa de valor, a mente

se eleva à consideração de alguma verdade geral.

Essa objeção, no entanto, não priva a história de seu valor. A vida humana é curta e fugaz, e muitos milhões de indivíduos participam dela, os quais são engolidos por aquele monstro do esquecimento que os espera com as mandíbulas sempre abertas. É, portanto, uma tarefa muito gratificante tentar resgatar algo – a memória de eventos interessantes e importantes, ou as principais características e personagens de alguma época – do naufrágio geral do mundo.

De outro ponto de vista, poderíamos considerar a história como a continuação da zoologia; pois, enquanto que com todos os outros animais basta observar as espécies, são os indivíduos humanos e, por isso, os eventos individuais, que têm de ser estudados; porque cada homem possui um caráter como indivíduo. E como os indivíduos e os eventos são sem número ou fim, uma imperfeição essencial prende-se à história. No estudo dela, tudo o que um homem aprende nunca contribui para diminuir o que ele ainda tem que aprender. Com qualquer ciência real, uma perfeição de conhecimento é, de qualquer forma, concebível.

Quando temos acesso às histórias da China e da Índia, a infinitude do assunto nos revelará os defeitos do estudo e forçará nossos historiadores a verem que o objetivo da ciência é reconhecer os muitos em um, perceber as regras em qualquer dado exemplo e aplicar à vida das nações um conhecimento da humanidade; e não continuar a contar fatos *ad infinitum*.

Há dois tipos de história: a história da política e a história da literatura e da arte. Uma é a história da vontade; a outra, a do intelecto. A primeira é um conto de tristeza, até mesmo de terror: é um registro de agonia, luta, fraude e de horríveis assassinatos *em massa*. A segunda é por toda parte agradável e serena, como o intelecto quando entregue a si mesmo, mesmo que seu caminho seja de erro. Seu ramo principal é a história da filosofia. Este é, de fato, seu grave fundamental, e as notas dele são ouvidas até mesmo no outro tipo de história. Estes tons profundos guiam a formação de opinião, e é a opinião que faz crescer o mundo. Assim, a filosofia, corretamente entendida, é uma força material do tipo mais poderoso, embora muito lento em seu funcionamento. A filosofia de um período é, portanto, o baixo fundamental

de sua história.

O jornal é o segundo ponteiro no relógio da história; e ele não é simplesmente feito à base de metal como aqueles que apontam para os minutos e as horas, no entanto ele raramente acerta.

O chamado artigo principal é o refrão do drama dos eventos passageiros.

Exagero de todo tipo é tão essencial ao jornalismo quanto à arte dramática; pois o objetivo do jornalismo é fazer com que os eventos cheguem o mais longe possível. Assim é que todos os jornalistas são, pela própria natureza de seu chamado, alarmistas; e esta é sua forma de dar interesse ao que eles escrevem. Nisso eles são como cachorrinhos; se alguma coisa se agita, eles imediatamente preparam um latido estridente.

Portanto, prestemos muita atenção a esta trombeta de perigo para que isso não atrapalhe nossa digestão. Reconheçamos que um jornal é, na melhor das hipóteses, apenas uma grande lupa e, muitas vezes, apenas uma sombra na parede.

A *caneta* é para o pensamento o que a bengala é para o caminhar; mas você caminha mais facilmente quando não tem uma bengala, e pensa com maior perfeição quando não tem uma caneta na mão. É somente quando um homem passa a ser velho que ele prefere usar uma bengala e fica feliz em pegar em sua caneta.

Quando uma *hipótese* nasce na mente, ou adquire algum fundamento, ela leva uma vida comparável com a vida de um organismo, uma vez que assimila a matéria do mundo exterior somente nos casos em que lhe é semelhante em espécie e útil; e quando, ao contrário, tal matéria não é semelhante em espécie, mas prejudicial, a hipótese, igualmente ao organismo, a joga fora, ou, se for obrigada a tomá-la, se livra dela por inteiro de novo.

Para ganhar a *imortalidade* um autor deve possuir tantas excelências que, embora não seja fácil encontrar alguém para entendê-las e apreciá-las integralmente, haverá homens de todas as idades que serão capazes de reconhecer e valorizar algumas delas. Dessa forma, o crédito de seu livro será

mantido ao longo dos séculos, apesar do fato de os interesses humanos estarem sempre mudando.

Um autor como esse, que tem direito à continuidade de sua vida mesmo na posteridade, só pode ser um homem que, sobre a ampla terra, buscará em vão seu semelhante e oferecerá um contraste notável com todos os outros em virtude de sua distinção inconfundível. E mais: se ele, como o judaísmo errante, sobrevivesse por várias gerações, permaneceria na mesma posição superior. Se não fosse assim, seria difícil ver a razão pela qual seus pensamentos não perecem com os dos outros homens,

As *metáforas* e as *símiles* são de grande valor, na medida em que explicam uma relação desconhecida por uma conhecida. Mesmo a *símile* mais detalhada, que se transforma em parábola ou alegoria, nada mais é do que a exibição de alguma relação em sua forma mais simples, mais visível e tangível. O crescimento das idéias repousa, no fundo, sobre as *símiles*; porque as idéias surgem por um processo de combinar as similitudes e negligenciar as diferenças entre as coisas. Além disso, a inteligência, no sentido estrito da palavra, consiste, em última instância, em uma apreensão das relações; e uma apreensão clara e pura das relações é alcançada com mais frequência quando a comparação é feita entre casos que se distanciam muito uns dos outros, e entre coisas de natureza bastante diferente. Uma vez que uma relação seja conhecida como existente apenas em um único caso, não tenho mais do que uma idéia *individual* dela – em outras palavras, apenas um conhecimento intuitivo ou perceptivo dela; mas, assim que vejo a mesma relação em dois casos diferentes, tenho uma idéia *geral* de toda a sua natureza, e este é um conhecimento mais profundo e perfeito.

Assim sendo, uma vez que os *símiles* e *metáforas* são um motor de conhecimento tão poderoso, é sempre um sinal de grande inteligência em um escritor quando seus *símiles* são incomuns e, ao mesmo tempo, vão direto ao ponto. Aristóteles observa também que, de longe, o mais importante para um escritor é ter esse poder de *metáforas*; pois trata-se de um dom que não pode ser adquirido, e é uma marca da genialidade. <sup>[18]</sup>

Quanto à *leitura*, exigir que um homem retenha tudo o que já leu é como pedir-lhe que carregue consigo tudo o que já comeu. Um tipo de alimento lhe

dá nutrição corporal e outro dá nutrição mental; e é através desses dois meios que ele se torna o que ele é. O corpo assimila apenas aquilo que é semelhante a ele; e, da mesma forma, um homem retém em sua mente apenas aquilo que lhe interessa, em outras palavras, aquilo que se adequa a seu sistema de pensamento ou a seus propósitos na vida. Todos têm propósitos, sem dúvida; mas muito poucos têm algo parecido com um sistema de pensamento. Poucas pessoas se interessam objetivamente por alguma coisa e, portanto, a leitura não lhes faz bem; elas não retêm nada.

Se um homem quer ler bons livros, ele deve fazer questão de evitar os maus, porque a vida é curta e o tempo e a energia limitados.

*Repetitio est mater studiorum*<sup>[19]</sup>. Qualquer livro que seja importante deve ser lido duas vezes; em parte porque, em uma segunda leitura, a conexão das diferentes partes do livro será melhor compreendida, e o início só será compreendido quando o fim for conhecido; e em parte porque não estamos com o mesmo temperamento e disposição em ambas as leituras. Na segunda leitura, temos uma nova visão de cada passagem e uma impressão diferente de todo o livro, que então aparece sob outra luz.

Seria bom comprar livros se se pudesse também ganhar o tempo para lê-los; mas geralmente a compra de um livro é confundida com a aquisição de seu conteúdo.

As obras de um homem são a quintessência de sua mente e, embora ele possa possuir uma capacidade muito grande, elas serão sempre incomparavelmente mais valiosas do que uma conversa com ele. Ou melhor, em todos os assuntos essenciais, suas obras não só compensarão a falta de relacionamento com ele, mas elas o ultrapassarão consideravelmente, com uma vantagem significativa. Os escritos de um homem de gênio moderado podem ser edificantes, dignos de leitura e Instrutivos, porque eles são sua quintessência – o resultado e fruto de todo seu pensamento e estudo; enquanto que a conversa com ele pode ser insatisfatória.

Isso significa que podemos ler livros de homens em cuja companhia não encontramos nada que nos agrade, e também que um alto grau de cultura nos leva a buscar entretenimento quase que totalmente nos livros e não nos

homens.

## VII – Sobre a Crítica

As seguintes breves observações sobre a faculdade crítica destinam-se principalmente a mostrar que, no geral, não existe tal coisa. É uma *rara avis*; quase tão rara, de fato, como a fênix, que aparece apenas uma vez a cada quinhentos anos.

Quando falamos de *gosto* – uma expressão que foi escolhida sem se fazer qualquer consideração – nos referimos à descoberta, ou pode ser apenas ao reconhecimento, do que é *esteticamente correto*, aparte da orientação de qualquer regra; e é assim, ou porque nenhuma regra ainda foi estendida ao assunto em questão, ou porque, se existe uma, é desconhecida pelo artista, ou pelo crítico, conforme for o caso. Em vez de *gosto*, poderíamos usar a expressão *senso estético*, se isso não fosse tautológico.

O gosto crítico perceptivo é, por assim dizer, o análogo feminino à qualidade masculina de talento produtivo ou de gênio. Incapaz de *gerar* um grande trabalho em si, consiste em uma capacidade de *recepção*, ou seja, de reconhecer como tal o que é certo, adequado, belo ou o contrário; em outras palavras, de discriminar o bom do mau, de descobrir e apreciar um e condenar o outro.

Ao apreciar um gênio, a crítica não deve lidar com os erros em suas produções ou com as mais pobres de suas obras, e depois proceder a classificá-lo como inferior; ela deve atentar apenas para as qualidades em que ele mais se sobressai. Pois, na esfera do intelecto, como em outras esferas, fraqueza e perversidade se ligam tão firmemente à natureza humana que mesmo a mente mais brilhante não está totalmente e em todos os momentos livre delas. Daí os grandes erros que podem ser encontrados mesmo nas obras

dos melhores homens; ou, como diz Horácio, *quandoque bonus dormitat Homerus*<sup>[20]</sup>.

O que distingue o gênio, e que deve ser o padrão para julgá-lo, é a altura à qual ele é capaz de elevar-se quando está de bom humor e encontra uma ocasião adequada para tal – uma altura sempre fora do alcance dos talentos comuns. É muito perigoso comparar dois grandes homens da mesma classe; por exemplo, dois grandes poetas, ou músicos, ou filósofos, ou artistas; porque a injustiça para com um ou outro, pelo menos por ora, dificilmente pode ser evitada. Pois, ao fazer uma comparação do tipo, o crítico olha para algum mérito particular de um e descobre imediatamente que ele está ausente no outro, que é assim desacreditado. E então, se o processo é invertido, e o crítico começa com o último e descobre seu mérito peculiar, que é bem diferente do apresentado pelo primeiro, e que pode até ser buscado em vão, o resultado é que ambos sofrem uma depreciação indevida.

Há críticos que acham que cabe a cada um deles o que deve ser considerado bom e mau. Todos eles confundem suas próprias trombetas de brinquedo com os trombones da fama.

Um medicamento não atinge seu objetivo se a dose for muito grande: e é o mesmo com censura e críticas adversas quando elas excedem a justa medida.

A coisa desastrosa no processo para se obter o mérito intelectual é o fato de se precisar esperar que os bons sejam louvados por aqueles que não produziram nada além de coisas ruins; Não! Ter de receber a coroa das mãos da capacidade crítica da humanidade é a desgraça principal – esta é uma qualidade da qual a maioria dos homens possui apenas uma certa impressão fraca e impotente, de modo que, na realidade, ela pode ser contada entre os dons mais raros da natureza. Por isso a observação de La Bruyere é, infelizmente, tão verdadeira quanto pura. *Après l'esprit de discernement, diz ele, ce qu'il y a au monde de plus raro, ce sont les diamants et les perles.*<sup>[21]</sup> O espírito de discernimento! a faculdade crítica! São estes que estão faltando. Os homens não sabem distinguir o genuíno do falso, o trigo do joio, o ouro do cobre; ou perceber o grande abismo que separa um gênio de um homem comum. Por isso, podemos perceber o mau estado das coisas descrito neste verso antiquado, que nos mostra que muitos dos grandes homens aqui na terra



só serão reconhecidos apenas quando se forem:

*Es ist nun das Geschick der Grossen hier auf Erden,  
Erst wann sie nicht mehr sind, von uns erkannt zu werden.* [\[22\]](#)

Quando qualquer trabalho genuíno e excelente surge, a principal dificuldade no seu caminho é a quantidade de trabalho ruim que encontra já na posse do campo, e aceito como se fosse bom. E se, depois de muito tempo, o recém-chegado conseguir realmente, através de uma dura luta, reivindicar um lugar para si mesmo e ganhar reputação, logo encontrará novas dificuldades por parte de algum imitador afetado, enfadonho e incômodo, que as pessoas trazem consigo, com o objetivo de colocá-lo tranquilamente no altar ao lado do gênio; não vendo a diferença e pensando realmente que aqui eles têm a ver um com o outro. Isso é o que Yriarte quer dizer com as primeiras linhas de sua 28ª Fábula, onde ele declara que a ralé ignorante sempre dá o mesmo valor ao bom e ao mau:

*Siempre acostumbra hacer el vulgo necio  
De lo bueno y lo malo igual aprecio.* [\[23\]](#)

Assim, mesmo os dramas de Shakespeare tiveram, imediatamente após sua morte, de dar lugar aos de Ben Jonson, Massinger, Beaumont e Fletcher, e de ceder a supremacia por cem anos. Assim, a séria filosofia de Kant foi afastada pelo absurdo de Fichte, Schelling, Jacobi e Hegel. E, mesmo em uma esfera acessível a todos, vimos imitadores indignos desviando rapidamente a atenção do público do incomparável Walter Scott. Pois, digam o que quiserem, o público não tem senso para a excelência e, portanto, nenhuma noção de como é muito raro encontrar homens realmente capazes de fazer algo grandioso em poesia, filosofia ou arte, nem de que tais obras são, por si só, dignas de atenção exclusiva. Os aventureiros, seja em verso ou em qualquer outra esfera superior, deveriam ser lembrados todos os dias, sem nenhum tipo de caridade, que nem os deuses, nem os homens, nem os livreiros toleram sua mediocridade:

*Mediocribus esse poetis  
Non homines, non di, non concessere columnae.* [\[24\]](#)

Não são eles as ervas daninhas que impedem o milho de crescer, para que elas mesmas possam cobrir todo o solo? E, então, acontece o que foi bem e recentemente descrito pelo lamentado Feuchtersleben<sup>[25]</sup>, que morreu ainda muito jovem: as pessoas gritam com pressa que nada está sendo feito, enquanto um grande trabalho está crescendo silenciosamente até atingir a maturidade; e então, quando ele aparece, não é visto ou ouvido no clamor, mas segue seu caminho silenciosamente, em modesta tristeza:

*“Ist doch” – rufen sie vermessen –  
“Nichts im Werke, nichts getan!”  
Und das Große reift indessen  
Still heran.  
Es erscheint nun; niemand sieht es,  
Niemand hört es im Geschrei:  
Mit bescheidner Trauer zieht es  
Still vorbei.*

Essa escassez lamentável de faculdade crítica não é menos evidente no caso da ciência, como mostra a vida persistente de teorias falsas e desmentidas. Uma vez aceitas, elas podem continuar desafiando a verdade por cinquenta, cem anos ou mais, tão estáveis como um píer de ferro no meio das ondas. O sistema de Ptolomeu ainda foi mantido um século depois de Copérnico ter promulgado sua teoria. Bacon, Descartes e Locke percorreram o caminho muito lentamente, e só chegaram depois de muito tempo; como o leitor pode ver no celebrado Prefácio de d'Alembert para a *Enciclopédia*. Newton não obteve um maior sucesso. E isso é suficientemente comprovado pela amargura e desprezo com que Leibniz atacou sua teoria sobre a gravitação quando da controvérsia com Clarke<sup>[26]</sup>. Embora Newton tenha vivido por quase quarenta anos após o aparecimento do *Principia*, seu ensinamento foi, quando morreu, apenas em certa medida aceito em seu próprio país, enquanto que, fora da Inglaterra, ele contava com apenas vinte adeptos; se é que podemos acreditar na nota introdutória à exposição de Voltaire de sua teoria. Foi, de fato, principalmente devido a esse tratado de Voltaire que o sistema tornou-se conhecido na França quase vinte anos após a morte de Newton. Até então, uma posição firme, resoluta e patriótica vinha defendendo os *Vórtices* Cartesianos; enquanto que, apenas quarenta anos

antes, esta mesma filosofia cartesiana havia sido proibida nas escolas francesas; e agora, por sua vez, d'Agnesseau, o Chanceler, recusou a Voltaire o título de *Imprimatur*<sup>[27]</sup> para seu tratado sobre a doutrina newtoniana. Por outro lado, em nossos dias, a absurda teoria da cor de Newton ainda detém completamente o campo, quarenta anos após a publicação da teoria das cores de Goethe<sup>[28]</sup>. Hume também foi desconsiderado até seu quinquagésimo ano, embora tenha começado muito cedo e escrito em um estilo completamente popular. E Kant, apesar de ter escrito e falado durante toda sua vida, não se tornou um homem famoso até os sessenta anos.

Artistas e poetas têm, com certeza, mais chance do que pensadores, porque seu público é pelo menos cem vezes maior. Ainda assim, o que foi pensado de Beethoven e Mozart durante suas vidas? E de Dante? E até mesmo de Shakespeare? Se os contemporâneos deste último tivessem de alguma forma reconhecido seu valor, pelo menos um retrato bom e confiável dele teria vindo até nós da era em que a arte da pintura floresceu; ao passo que nós possuímos apenas alguns quadros muito duvidosos, e uma placa de cobre e um busto ainda piores em seu túmulo<sup>[29]</sup>. E, da mesma forma, se ele tivesse sido devidamente homenageado, centenas de exemplares de sua caligrafia teriam sido preservados para nós, em vez de estarem confinados, como é o caso, às assinaturas de alguns documentos legais. Os portugueses ainda estão orgulhosos de seu único poeta, Camões. Ele viveu, porém, de esmolas coletadas todas as noites na rua por um escravo negro que ele havia trazido consigo das Índias. Com o tempo, sem dúvida, a justiça será feita a todos; *tempo è galant'uomo*<sup>[30]</sup>; mas é tão tardio e lento para chegar, da mesma forma que ocorre em uma corte de justiça, e a condição secreta é que o destinatário não esteja mais vivo. O preceito de Jesus, o filho de Sirach, é fielmente seguido: *Judge none blessed before his death*<sup>[31]</sup>. Aquele que produziu obras imortais deve encontrar conforto aplicando-lhes as palavras do mito indiano: os minutos de vida entre os imortais parecem anos de existência terrena; e assim, também, os anos sobre a terra são apenas como os minutos dos imortais.

Essa falta de visão crítica também é demonstrada pelo fato de que, enquanto em cada século se honra o excelente trabalho do tempo anterior, o trabalho do seu próprio tempo é mal compreendido, e a atenção que lhe é devida é dada a algum trabalho ruim, de modo que uma década leva consigo

aquilo que será sustentado na próxima. O fato dos homens serem lentos em reconhecer o mérito genuíno quando ele aparece em sua própria época também prova que eles não entendem, não desfrutam, ou não valorizam realmente as obras de gênio há muito reconhecidas, que eles as honram apenas com base na autoridade. O teste crucial é o fato de que, se um trabalho ruim ganha alguma reputação – a filosofia de Fichte, por exemplo –, também a mantém por uma ou duas gerações; e somente quando há um grande público é que sua queda se segue mais cedo.

Agora, assim como o sol não pode lançar sua luz a não ser para o olho que o vê, nem o som da música a não ser para o ouvido que a ouve, do mesmo modo, o valor de todo trabalho magistral na arte e na ciência é condicionado pela afinidade e pela capacidade da mente com a qual fala. É apenas uma mente como essa que possui a senha mágica para provocar e invocar os espíritos que se escondem em um grande trabalho. Para a mente comum, uma obra-prima é um gabinete selado de mistério – um instrumento musical desconhecido do qual o tocador, por mais que se esforce, não pode extrair nada além de tons confusos. Como uma pintura parece diferente quando vista com uma boa luz, ao invés de ser vista em algum canto escuro! Da mesma forma, a impressão feita por uma obra-prima varia de acordo com a capacidade da mente de compreendê-la.

Um bom trabalho, portanto, requer uma mente sensível a sua beleza; um trabalho ponderado, uma mente que possa realmente pensar, se quiser existir e viver. Mas, infelizmente, pode acontecer com muita frequência que aquele que entrega um belo trabalho ao mundo, depois, se sinta como um fabricante de fogos de artifício que exhibe com entusiasmo as maravilhas que lhe custaram tanto tempo e trabalho de preparação, e, então, descobre que veio ao lugar errado: os espectadores imaginados eram todos os internos de um asilo para cegos. Ainda assim, até mesmo isso é melhor do que se seu público tivesse se consistido inteiramente de homens que fabricavam eles mesmos fogos de artifício; pois, neste caso, se sua exibição fosse extraordinariamente boa, poderia muito bem custar-lhe a cabeça.

A fonte de todo prazer e deleite é o sentimento de afinidade. Desse modo, em relação ao senso de beleza, é inquestionavelmente a nossa própria espécie no mundo animal – e, em seguida, nossa própria raça – que nos parece a mais

bonita. Assim também é no relacionamento com os outros. Cada homem mostra uma preferência convicta por aqueles que se parecem com ele; e um imbecil achará a sociedade com outro imbecil incomparavelmente mais agradável do que aquela com qualquer número de grandes mentes reunidas. Cada homem deve necessariamente ter o maior prazer com seu próprio trabalho, porque ele constitui o espelho de sua própria mente, o eco de seu próprio pensamento; e, após ele, por ordem, vem o trabalho de pessoas semelhantes a ele; ou seja, um homem monótono, raso, perverso, e negociante de meras palavras dará seus sinceros e calorosos aplausos somente ao que é monótono, raso, perverso ou puramente prolixo. Por outro lado, ele permitirá o mérito ao trabalho de grandes mentes somente à custa da autoridade, em outras palavras, porque tem vergonha de falar sua opinião; pois, na realidade, tais trabalhos não lhe dão nenhum prazer. Eles não o atraem; ou melhor, eles o repelem; e ele não confessará isto nem mesmo a si próprio. As obras de gênio não podem ser plenamente desfrutadas, exceto por aqueles que são, eles mesmos, de uma ordem privilegiada. O primeiro reconhecimento desses gênios, porém, quando há algum, mesmo na ausência da autoridade para apoiá-los, exige uma considerável superioridade de espírito.

Quando o leitor leva tudo isso em consideração, ele deve se surpreender, não com o fato de que um excelente trabalho seja tão tardio em ganhar reputação, mas que ele a ganhe de todo. E, de fato, a fama só vem por um processo lento e complexo. Uma pessoa estúpida é forçada, gradualmente, como que domada, a reconhecer a superioridade de quem está imediatamente acima dela; esta, por sua vez, se curva diante de outra pessoa; e assim continua até que o peso dos votos gradualmente prevaleça sobre seu número; e essa é justamente a condição de toda a fama genuína, em outras palavras, merecida. Mas, até lá, o maior gênio – mesmo depois de ter passado seu tempo de provação – permanece como um rei no meio de uma multidão de seus próprios súditos que não o reconhecem de vista e, por isso, não cumprirão suas ordens; a menos que, de fato, seus principais ministros de Estado estejam sob seu comando. Porque nenhum funcionário subordinado pode ser o destinatário direto dos comandos reais, pois ele só reconhece a assinatura de seu superior imediato; e isso se repete até as fileiras mais altas, onde o subsecretário atesta a assinatura do ministro, e o ministro a do rei. Há etapas análogas a serem passadas antes que um gênio possa alcançar a fama

generalizada. É por isso que a sua reputação é facilmente paralisada logo no início; porque as mais altas autoridades, que podem ser poucas, na maioria das vezes não são encontradas; mas quanto mais ele desce na escala de autoridade, mais numerosos são aqueles que recebem ordens de cima, de modo que sua fama já não é mais barrada.

Devemos nos consolar por esse estado de coisas, refletindo que é realmente uma sorte que o maior número de homens não forme um juízo de responsabilidade própria, mas simplesmente o assumam perante a autoridade. Que tipo de crítica deveríamos ter acerca de Platão, Kant, Homero, Shakespeare e Goethe se cada homem formasse sua opinião com base nas coisas desses escritores que possui e gosta, em vez de ser forçado pela autoridade a falar deles de forma apropriada e digna, por pouco que realmente sinta o que diz. Se não fosse assim, seria impossível para o mérito verdadeiro, em qualquer esfera superior, atingir a fama em absoluto. Ao mesmo tempo, é também uma sorte que cada homem tenha tanto poder crítico próprio quanto necessário para reconhecer a superioridade daqueles que lhe são superiores, e para seguir sua liderança. Isso significa que muitos acabam se submetendo à autenticidade de poucos; e resulta na hierarquia de julgamentos críticos sobre a qual se baseia a possibilidade de uma fama constante, e, eventualmente, de amplo alcance.

A classe mais baixa da comunidade é bastante insensível aos méritos de um grande gênio; e, para essas pessoas, não resta nada além de apreciar o monumento levantado a ele, que, pela impressão que produz em seus sentidos, desperta nelas uma fraca idéia da grandeza do homem.

As revistas literárias deveriam ser uma barragem contra os rabiscos inconscientes da época, e a crescente avalanche de livros ruins e inúteis. Seus julgamentos deveriam ser irrepreensíveis, justos e rigorosos; e cada peça de trabalho ruim feita por uma pessoa incapaz, cada artifício pelo qual a cabeça vazia tenta vir em auxílio da bolsa vazia – ou seja, cerca de nove décimos de todos os livros existentes –, deveria ser impiedosamente açoitada. As revistas literárias cumpririam então seu dever, que é o de manter baixo o desejo de escrever para controlar o engano do público, em vez de promover esses males através de uma tolerância miserável, a qual faz o jogo do autor e do editor, e rouba tempo e dinheiro do leitor. Se houvesse um papel como esse, todo mau

escritor, todo compilador sem cérebro, todo plagiador de livros alheios, todo caçador de vagas oco e incapaz, todo falso filósofo, todo poeta vaidoso e enfadonho, estremeceria com a perspectiva do pelourinho em que seu mau trabalho teria inevitavelmente que ficar logo após a publicação. Isso paralisaria seus dedos trêmulos, para o verdadeiro bem-estar da literatura, na qual o que é ruim não só é inútil como ativamente pernicioso. Ora, a maioria dos livros é ruim, e deveria ter permanecido sem ser escrita. Consequentemente, o elogio deveria ser tão raro como é agora com a culpa, que é retida sob a influência de considerações pessoais, juntamente com a máxima: *accedas socius, laudes ut absens*.<sup>[32]</sup>

É muito errado tentar introduzir na literatura a mesma tolerância que deve necessariamente prevalecer na sociedade em relação às pessoas estúpidas, sem cérebro, as quais abundam em todos os lugares. Na literatura, tais pessoas são intrusos descarados; e desacreditar o mau é aqui um dever para com o bom; porque quem pensa que nada é ruim também pensará que nada é bom. Polidez, que tem sua fonte nas relações sociais, é, na literatura, um elemento estranho, e muitas vezes injurioso; porque exagera que o mau trabalho deve ser chamado de bom. Dessa forma, o próprio objetivo da ciência e da arte é diretamente frustrado. Essa revista ideal poderia, com certeza, ser escrita apenas por pessoas que uniram honestidade incorruptível com conhecimento raro e com ainda mais raro poder de julgamento; de modo que talvez pudesse haver, no máximo, uma – e uma já seria difícil – em todo o país; mas ela ali ficaria, como um Areópago de justiça, e cada membro teria que ser eleito por todos os outros. Sob o sistema que prevalece atualmente, as revistas literárias são conduzidas por um grupo, e secretamente talvez também por livreiros, para o bem do comércio; e muitas vezes não passam de coalizões de cabeças ruins para impedir que as boas sejam bem sucedidas. Como Goethe uma vez me advertiu, em nenhum lugar há tanta desonestidade como na literatura.

Mas, acima de tudo, o anonimato, esse escudo de toda malandragem literária, teria que desaparecer. Ele foi introduzido sob o pretexto de proteger o crítico honesto – que apenas advertia o público – do ressentimento do autor e de seus amigos. Mas onde há um caso deste tipo haverá uma centena de outros nos quais ele serve apenas para assumir toda a responsabilidade do homem que não pode sustentar o que disse, ou, possivelmente, para ocultar a

vergonha de alguém que foi covarde e baixo o suficiente para recomendar um livro ao público com o propósito de colocar dinheiro em seu próprio bolso. Muitas vezes é apenas um manto para cobrir a obscuridade, incompetência e insignificância do crítico. É incrível o descaramento que esses indivíduos mostrarão, e que truques literários se aventurarão a cometer, assim que souberem que estão seguros sob a sombra do anonimato. Deixe-me recomendar um *Anticritismo* geral, um remédio universal ou uma panaceia, para acabar com todas as críticas anônimas, seja louvando o mau ou culpando o bom: *Patife!* [Use o] *seu nome!* Que um homem se agasalhe e desenhe seu chapéu sobre seu rosto, e depois recaia sobre pessoas que estão andando sem nenhum disfarce – anonimato não é a função de um cavalheiro, é a função de um patife e de um covarde.

Uma crítica anônima não tem mais autoridade do que uma carta anônima; e uma deve ser recebida com a mesma desconfiança que a outra. Ou devemos considerar o nome do homem que consente em presidir o que é, no sentido estrito da palavra, *une société anonyme*<sup>[33]</sup> com a mesma garantia que é dada pela veracidade de seus colegas?

Mesmo Rousseau, no prefácio da *Nouvelle Héloïse*, declara: *tout honnête homme doit avouer les livres qu'il publie*; o que, em linguagem simples, significa que todo homem honrado deve assinar seus próprios artigos, e que não é honrado quem não o faz. Quão mais fiel isso é à literatura polêmica, que é o caráter geral das críticas! Riemer foi bastante direito na opinião que dá em suas *Reminiscences of Goethe*<sup>[34]</sup>: *Um inimigo explícito, diz ele, um inimigo que o encontra cara a cara, é um homem honrado, que o tratará com justiça e com quem você pode chegar a um acordo e se reconciliar: mas um inimigo que se esconde é um canalha covarde, que não tem coragem suficiente para declarar seu próprio juízo; não é a opinião dele que lhe interessa, mas apenas o prazer secreto de manifestar a sua raiva sem ser descoberto ou punido.* Essa também foi a opinião de Goethe, pois ele era, em geral, a fonte da qual Riemer extraiu suas observações. E, de fato, a máxima de Rousseau se aplica a cada linha que é impressa. Seria permitido a um homem com uma máscara hostilizar uma multidão, ou falar em qualquer assembléia? E seria assim, também, caso ele fosse atacar os outros e os submeter a abusos?



O anonimato é o refúgio de toda malandragem literária e jornalística. É uma prática que deve ser completamente parada. Todo artigo, mesmo em um jornal, deve ser acompanhado pelo nome de seu autor; e o editor deve ser estritamente responsável pela exatidão da assinatura. A liberdade de imprensa deve ser restrita até aqui; de modo que o homem seja responsabilizado por aquilo que proclama publicamente através da trombeta sonora do jornal, de qualquer forma, com sua honra, se ele tiver alguma; e se ele não tiver nenhuma, que seu nome neutralize o efeito de suas palavras. E uma vez que até mesmo a pessoa mais insignificante é conhecida em seu próprio círculo, o resultado de tal medida seria pôr um fim em dois terços das mentiras jornalísticas, e conter a audácia de muitas línguas venenosas.

## VIII – Sobre a Reputação

Os escritores podem ser classificados como meteoros, planetas ou estrelas fixas. Um meteoro faz um efeito marcante por um momento. Você olha para cima e grita: *Ali!* E ele desaparece para sempre. Os planetas e as estrelas errantes duram muito mais tempo. Muitas vezes eles brilham mais que as estrelas fixas e são confundidos com elas pelos inexperientes; mas isso é apenas porque estão perto. Não demora muito até que eles também devam ceder seu lugar; ou melhor, a luz que eles fornecem é apenas um reflexo, e a esfera de sua influência é confinada a sua própria órbita – os seus contemporâneos. Seu caminho é de mudança e movimento, e no circuito de alguns anos sua história é contada. As estrelas fixas são as únicas que são constantes; sua posição no firmamento é segura; elas brilham com uma luz própria; seu efeito hoje é o mesmo de ontem, porque, não tendo paralaxe, sua aparência não se altera com a diferença em nosso ponto de vista. Elas pertencem não a *um* sistema, nem a *uma* nação apenas, mas ao universo. E é só porque elas estão tão distantes que costumam se passar muitos anos até que sua luz seja visível para os habitantes desta Terra.

Vimos no capítulo anterior que quando os méritos de um homem são de ordem superior é difícil para ele ganhar reputação, porque o público é acrítico e carece de discernimento. Mas outro obstáculo não menos sério à fama vem da inveja que ele tem de encontrar. Porque, mesmo nos tipos mais simples de trabalho, a inveja prejudica até mesmo o início de uma reputação, e nunca deixa de se apegar a esta até o fim. Quão grande é o papel da inveja nos meios perversos do mundo! Ariosto tem razão em dizer que o lado obscuro de nossa vida mortal predomina, por isso o mundo está cheio desse mal;

*in questa assai piú oscura che serena*

*vita mortal, tutta d'invidia piena.*<sup>[35]</sup>

Pois a inveja é o espírito movente dessa aliança secreta e formal, embora florescente, feita em todos os lugares pela mediocridade contra a eminência individual, não importa de que tipo. Em sua própria esfera de trabalho, ninguém permitirá que outro seja reconhecido: ele é um intruso que não pode ser tolerado. *Si quelqu'un excelle parmi nous, qu'il aille exceller ailleurs!*<sup>[36]</sup> Essa é a senha universal para a segunda classe. E, além disso, à raridade do verdadeiro mérito e à dificuldade do ser: compreendida e reconhecida, há a inveja de milhares a serem contados, todos eles inclinados a reprimir, ou melhor, a sufocá-la por completo. Ninguém é considerado pelo que é, mas pelo que os outros o fazem ser; e este é o instrumento usado pela mediocridade para evitar a distinção, não deixando que ela surja enquanto isso puder ser evitado.

Há duas maneiras de se comportar em relação ao mérito: ou ter alguns dos seus próprios, ou recusar qualquer um aos outros. Este último método é mais conveniente, e por isso é geralmente adotado. Como a inveja é um mero sinal de deficiência, a inveja ao mérito representa a sua falta. Meu excelente Baltasar Gracián deu um relato muito refinado desta relação entre inveja e mérito em uma longa fábula, que pode ser encontrada em seu *Discreto* sob o título de *Hombre de Ostentación*. Ele descreve todas as aves como reunidas e conspirando contra o pavão por causa de suas magníficas penas: *Se, disse o Pega, conseguíssemos apenas pôr um fim ao maldito desfile de sua cauda, logo haveria um fim à sua beleza; pois o que não é visto é tão bom quanto o que não existe.*

Isso explica como a modéstia veio a ser uma virtude. Ela foi inventada apenas como uma proteção contra a inveja. Que sempre houve malandros para exortar essa virtude, e para alegrar-se de coração com a timidez de um homem de mérito, foi amplamente demonstrado em meu principal trabalho.<sup>[37]</sup> Nos *Miscellaneous Writings*<sup>[38]</sup> de Lichtenberg, encontro esta frase citada: *a modéstia deve ser a virtude daqueles que não possuem outra*. Goethe tem um ditado bem conhecido, que ofende muitas pessoas: *são apenas os zés-ninguéns que são modestos! – Nur die lumpen sind bescheiden!*<sup>[39]</sup> Mas ele tem seu protótipo em Cervantes, que inclui em *Viage del Parnaso* certas regras de conduta para os poetas, e entre elas as seguintes: *todo aquele cujo*

*verso mostra que é poeta deve ter uma elevada opinião sobre si mesmo, valendo-se do provérbio segundo o qual ruim é aquele que se julga ruim.*<sup>[40]</sup>

E Shakespeare, em muitos de seus Sonetos, que lhe deram a oportunidade única de falar de si mesmo, declara, com uma confiança igual à sua engenhosidade, que o que ele escreve é imortal.<sup>[41]</sup>

Um método de subvalorização do bom trabalho frequentemente utilizado pela inveja – na realidade, usado somente pela sua face anversa – consiste no desonroso e inescrupuloso elogio ao mau; tão logo o mau trabalho ganhe atenção, ele tira a que seria devida ao bom. Mas, por mais eficaz que este método seja por um tempo – especialmente se for aplicado em grande escala – o dia do reconhecimento finalmente chega, e o crédito fugaz dado ao mau trabalho é pago pelo descrédito duradouro que se sobrepõe àqueles que o elogiaram abjetamente. Por isso, esses críticos preferem permanecer anônimos.

Um destino semelhante ameaça, embora mais remotamente, aqueles que depreciam e censuram o bom trabalho; e, conseqüentemente, muitos são prudentes demais para tentar fazê-lo. Mas há outra via; e quando um homem de mérito eminente aparece, o primeiro efeito que ele produz, muitas vezes, é apenas provocar todos os seus rivais, assim como a cauda do pavão ofendeu os pássaros. Isso os reduz a um silêncio profundo; e seu silêncio é tão unânime que tem cheiro de precaução. Suas línguas estão todas paralisadas. É o *silentium livoris* descrito por Sêneca. Esse silêncio malicioso, que é tecnicamente conhecido por “*ignorar*”, pode interferir no crescimento da reputação por um longo tempo; assim, como acontece nas camadas superiores do ensino – onde o público imediato de um homem é totalmente composto por trabalhadores rivais e estudantes professos, que então formam o veículo de sua fama –, o grande público é obrigado a usar seu voto sem poder examinar o assunto por si mesmo. E se, no final, esse silêncio malicioso for quebrado pela voz de louvor: só raramente isso acontecerá, à parte de algum objetivo ulterior que é perseguido por aqueles que assim manipulam a justiça. Pois, como diz Goethe no *West-östlicher Divan*, um homem não pode obter o reconhecimento, nem de muitas pessoas nem de apenas uma, a menos que publique o próprio julgamento crítico no exterior.

*Denn es ist kein Anerkennen,*

*Weder Vieler, noch des Einen,  
Wenn es nicht am Tage fördert,  
Wo man selbst was möchte scheinen.*

O crédito que você concede a outro homem envolvido em trabalho semelhante ou análogo ao seu deve, no fundo, ser retirado de você mesmo; e você só pode elogiá-lo às custas de suas próprias pretensões.

Assim, a humanidade em si não está nada inclinada a conceder elogios e reputação; ela está mais disposta a culpar e a encontrar falhas, elogiando-se indiretamente a si mesma. Se, apesar disso, o elogio é ganho da humanidade, algum motivo alheio deve prevalecer. Não estou me referindo aqui à forma vergonhosa em que os amigos mútuos se ensoberbecem mutuamente com uma reputação; para além disso, um motivo real é fornecido pela sensação de que, ao lado do mérito de fazer algo sozinho, vem o de apreciar e reconhecer corretamente o que os outros fizeram. Isso está de acordo com a tripla divisão de cabeças elaborada por Hesíodo, e depois por Maquiavel. *Existem, diz este último, na capacidade da humanidade, três variedades: uma pessoa compreenderá uma coisa por si mesma; outra, até onde ela lhe for explicada; e uma terceira, nem por si mesma nem quando for colocada claramente diante dela.* Quem, então, abandona a esperança de fazer valer suas pretensões à primeira classe, terá o prazer de aproveitar a oportunidade de ocupar um lugar na segunda. É quase totalmente devido a esse estado de coisas que o mérito pode sempre estar assegurado de que, no final das contas, se encontrará com o reconhecimento.

A isso também se deve o fato de que, quando o valor de uma obra já foi reconhecido e não pode mais ser ocultado ou negado, todos os homens lutam para elogiá-la e honrá-la; simplesmente porque estão conscientes de fazer disso uma honra para si mesmos. Eles agem de acordo com o espírito da frase de Xenofonte: *ele deve ser um homem sábio que sabe o que é sábio.* Assim, quando vêem que o prêmio do mérito original está para sempre fora de seu alcance, apressam-se a possuir aquilo que vem em segundo lugar – a apreciação correta dele. Aqui acontece como com um exército que foi forçado a se render; como, antes, todo homem queria ser o primeiro na luta, agora, todo homem tenta ser o primeiro a fugir. Todos eles se apressam para oferecer seus aplausos a alguém que agora é reconhecido.

Todos eles se apressam em aplaudir aquele que agora deve ser digno de louvor, em virtude de um reconhecimento, como regra inconsciente da lei da homogeneidade que já citamos em capítulo anterior; para que possa parecer que sua maneira de pensar e de ver as coisas é homogênea com a do homem célebre, e para que eles possam ao menos salvar a honra de seu gosto literário, já que nada mais lhes resta.

A partir disso, é evidente que, embora seja muito difícil ganhar fama, não é difícil mantê-la quando uma vez ela é marcada; e também que uma reputação que vem rapidamente não dura muito tempo; pois, também aqui, *quod cito fit, cito perit*<sup>[42]</sup>; é óbvio que, se o simples homem médio pode reconhecer – e os trabalhadores rivais estão dispostos a admirar voluntariamente – o valor de qualquer realização, é porque tal realização não está muito acima da capacidade de qualquer um deles de obtê-la para si mesmos. *Tantum quisque laudat, quantum se posse sperat imitarat* – um homem só elogiará uma coisa na medida em que espera ser capaz de imitá-la. Além disso, há um sinal suspeito no caso de uma reputação vir rapidamente; pois uma aplicação da lei da homogeneidade mostrará que tal reputação não é nada mais do que o aplauso direto da multidão. O que isso significa pode ser percebido por uma observação feita uma vez por Fócion, quando ele foi interrompido em um discurso pelos fortes aplausos da multidão. Voltando-se para seus amigos que estavam por perto, ele perguntou: *cometi um erro e disse algo estúpido?*<sup>[43]</sup>

Ao contrário, uma reputação que deve durar muito tempo deve ser lenta no amadurecimento, e os séculos de sua duração geralmente têm que ser comprados ao custo dos elogios contemporâneos. Porque aquilo que deve manter sua posição por muito tempo deve ser de uma perfeição difícil de ser alcançada; e mesmo o reconhecer dessa perfeição requer homens que nem sempre são encontrados, e eles nunca o são em número suficiente para se fazerem ouvir; enquanto que a inveja está sempre presente e fazendo o melhor para abafar suas vozes. Mas com o mérito moderado, aquele que logo encontra reconhecimento, existe o perigo de que aquele que o possui venha a ser ultrapassado, tanto pelo próprio mérito quanto a si mesmo: de modo que uma juventude de fama pode ser seguida por uma velhice de obscuridade. No caso de um grande mérito, por outro lado, um homem pode permanecer desconhecido por muitos anos, mas mais tarde isso irá compensar com a

obtenção de uma reputação brilhante. E se isso só vier a acontecer depois que ele já não estiver mais aqui? Bem, ele deve ser considerado entre aqueles dos quais Jean Paul diz que a extrema-unção é seu batismo. Ele pode se consolar pensando nos santos, que também são canonizados somente depois de mortos.

Assim, o que Mahlmann<sup>[44]</sup> disse tão bem em seu *Herodes* é válido; neste mundo, uma obra verdadeiramente grande nunca agrada de imediato, e o deus estabelecido pela multidão mantém seu lugar no altar, mas por pouco tempo:

*Ich denke, das wölure Große in der Welt  
Ist immer nur Das was nicht gleich gefällt  
Und wen der Pobel zum Gotte weiht  
Der steht anf dem Altar nur kurze Zeit.*

Vale a pena mencionar que essa regra é mais diretamente confirmada no caso das imagens, onde, como bem sabem os conhecedores, as maiores obras-primas não são as primeiras a chamar a atenção. Se causam uma impressão profunda, não é depois de uma, mas somente depois de repetida a inspeção; elas despertam cada vez mais admiração a cada vez que são vistas.

Além disso, as chances de que qualquer trabalho seja rapidamente e corretamente apreciado dependem de duas condições: primeiro, o caráter do trabalho, quer seja superior ou inferior, em outras palavras, fácil ou difícil de entender; e, segundo, o tipo de público que ele atrai, seja ele grande ou pequeno. Esta última condição é, sem dúvida, na maioria dos casos, um corolário da primeira; mas também depende em parte do fato de a obra em questão admitir – como livros e composições musicais – ser reproduzida em grande número. Pela ação composta dessas duas condições, as realizações que não servem a nenhum fim materialmente útil – e só estas estão sendo consideradas aqui – variarão em relação às chances que elas têm de se encontrar com o devido reconhecimento e apreciação; e a ordem de precedência, começando por aqueles que têm maiores chances, será ligeiramente a seguinte: acrobatas, artistas circenses, dançarinos de balé, malabaristas, atores, cantores, músicos, compositores, poetas (ambos os últimos por causa da multiplicidade de suas obras), arquitetos, pintores, escultores, filósofos.

O último lugar de todos é inquestionavelmente tomado pelos filósofos, porque suas obras não são destinadas ao entretenimento, mas à instrução, e porque elas presumem algum conhecimento por parte do leitor, e exigem que ele faça um esforço próprio para compreendê-las. Isso torna seu público extremamente pequeno e faz com que sua fama seja mais notável por sua extensão do que por sua amplitude. E, em geral, talvez se diga que a possibilidade da fama de um homem durar muito tempo esteja numa relação quase inversa com a chance de que ele seja reconhecido cedo; de modo que, no que diz respeito ao tempo levado para atingir a fama, a ordem de precedência acima pode ser invertida.

Mas, então, o poeta e o compositor acabarão ficando no mesmo nível que o filósofo; uma vez que, quando uma obra está comprometida com a escrita, é possível preservá-la para sempre. Entretanto, o primeiro lugar ainda pertence por direito ao filósofo, devido à escassez muito maior de boa obra nesta esfera, e à alta importância da mesma; e também devido à possibilidade que oferece de ser traduzida quase perfeitamente para qualquer idioma. Às vezes, de fato, acontece que a fama de um filósofo ultrapassa até mesmo suas próprias obras; como aconteceu com Tales, Empédocles, Heráclito, Demócrito, Parmênides, Epicuro, e muitos outros.

Minhas observações estão, como já disse, confinadas às conquistas que não são de qualquer uso material. O trabalho que serve para algum fim prático, ou diretamente para algum prazer dos sentidos, nunca terá qualquer dificuldade em ser devidamente apreciado. Nenhuma pastelaria de primeira categoria poderia permanecer por muito tempo oculta em qualquer cidade, e nem é preciso dizer que não precisará apelar para a posteridade.

Subjacente à fama de crescimento rápido também deve ser considerada a fama de um tipo falso e artificial; onde, por exemplo, um livro é transformado em uma reputação por meio de elogios injustos, da ajuda de amigos, críticas corruptas, estímulos de cima e conivência de baixo. Tudo isso diz respeito à multidão, que se presume, com razão, não ter poder de julgar por si mesma. Esse tipo de fama é como uma bexiga de natação; com sua ajuda, um corpo pesado pode se manter a flutuar. Ela suporta por um certo tempo, longo ou curto, conforme a bexiga é bem cosida e soprada; mas



ainda assim o ar sai gradualmente, e o corpo afunda. Esse é o destino inevitável de todas as obras que são famosas por causa de algo fora de si mesmas. Os falsos elogios morrem; o conluio chega ao fim; os críticos declaram a reputação infundada; ela desaparece, e é substituída por um desprezo muito maior. Ao contrário, uma obra genuína, que, tendo em si a fonte de sua fama, pode despertar admiração em cada época assemelha-se a um corpo de baixa gravidade específica, que sempre se mantém de pé por si mesmo, e assim vai flutuando pela corrente do tempo.

Homens de grande gênio, quer seu trabalho seja em poesia, filosofia ou arte, estão em todas as épocas como heróis isolados, continuando sozinhos uma desesperada luta contra a investida de um exército de oponentes. Não é essa a característica da miserável natureza da humanidade? O entorpecimento, a grosseria, a perversidade, a besteira e a brutalidade da maior parte da raça são sempre um obstáculo aos esforços do gênio, qualquer que seja o método de sua arte; eles formam aquele exército hostil ao qual ele tem de finalmente sucumbir. Deixe o campeão isolado alcançar aquilo que ele pode: é lento para ser reconhecido; é tardio para ser apreciado, e, depois, somente pelo uso da autoridade, ele pode facilmente cair novamente em negligência, pelo menos por algum tempo. Sempre se vê confrontado por idéias falsas, superficiais e insípidas, que se adaptam melhor a essa grande maioria e, por isso, em geral, dominam o campo. Embora o crítico possa dar um passo à frente e dizer, como Hamlet, quando ele segurava os dois retratos para sua miserável mãe: *você tem olhos? Você tem olhos?* Infelizmente, eles não têm olhos! Quando observo o comportamento de uma multidão de pessoas na presença do trabalho de alguns grandes mestres, e observo a maneira como eles aplaudem, muitas vezes eles me lembram macacos treinados em um espetáculo. Os gestos dos macacos são, sem dúvida, muito parecidos com os dos homens; mas, de vez em quando, eles traem – que o verdadeiro espírito interior desses gestos não está dentro deles. Sua natureza irracional se sobressai.

Diz-se muitas vezes de um homem que *ele está à frente da sua época*; e decorre das observações acima que isso deve ser entendido como significando que ele está à frente da humanidade em geral. Só por causa desse fato, um gênio não faz nenhum apelo direto, exceto àqueles que estão consideravelmente acima da média em suas capacidades; e estes são muito

raros para se permitir que eles formem um corpo numeroso em qualquer período. Se aquele não for particularmente favorecido pela sorte, será *mal compreendido em sua própria época*; em outras palavras, permanecerá sem ser aceito até que o tempo reúna gradualmente as vozes das poucas pessoas que são capazes de julgar uma obra de tão alto caráter.

Então, a posteridade dirá: *este homem estava à frente de sua época*, ao invés de *à frente da humanidade*; porque a humanidade se contentará em colocar o fardo de suas próprias faltas em uma única época.

Assim, se um homem for superior a sua própria época, ele também será superior a qualquer outra; contanto que, naquela, por alguma rara e feliz casualidade, alguns homens justos, capazes de julgar na esfera de suas realizações, nasçam ao mesmo tempo com ele; assim como quando, segundo um belo mito indiano, Vishnu se encarna como um herói, e também Brahma aparece ao mesmo tempo como o cantor de seus feitos; e assim Valmiki, Vyasa e Kalidasa são encarnações de Brahma.

Nesse sentido, então, pode-se dizer que todo trabalho imortal coloca sua época à prova, seja ela capaz ou não de reconhecer seu mérito. Como regra geral, os homens de qualquer época não suportam tal teste melhor que os vizinhos de Filemon e Baucis, que expulsaram as divindades que não reconheceram. Assim, o padrão certo para julgar o valor intelectual de qualquer geração é fornecido, não pelas grandes mentes que nela aparecem – pois suas capacidades são obra da Natureza, e a possibilidade de cultivá-las uma questão de circunstância casual –, mas pela forma como os contemporâneos recebem suas obras; se, quero dizer, eles dão seus aplausos cedo e com vontade, ou tarde e de forma mesquinha, ou se deixam que ela seja agraciada totalmente pela posteridade.

Esse último destino será especialmente reservado para obras de caráter superior. Pois a feliz oportunidade mencionada acima certamente não virá, porque são poucos os que apreciam o tipo de obra realizada pelo trabalho de grandes mentes. Aqui reside a vantagem imensurável que os poetas possuem em relação à reputação, pois seu trabalho é acessível a quase todos. Se houvesse sido possível a Sir Walter Scott ser lido e criticado por apenas algumas centenas de pessoas, possivelmente, em sua vida, qualquer rabisco

comum teria sido preferido a ele; e depois, quando ele ocupasse seu devido lugar, também teria sido dito em sua honra que ele estava *adiantado para a sua época*. Mas se a inveja, a desonestidade e a busca de objetivos pessoais juntam-se à capacidade daquela centena de pessoas que em nome de sua geração é chamada a julgar uma obra, então, de fato, tal obra tem o mesmo triste destino que um reclamante que pleiteia perante um tribunal de juízes corrompidos.

Ao corroborar com isso, constatamos que a história da literatura geralmente mostra que todos aqueles que fizeram do conhecimento e do discernimento seu objetivo não foram reconhecidos e foram negligenciados, enquanto que aqueles que desfilaram com o vaidoso espetáculo receberam a admiração de seus contemporâneos, juntamente com os emolumentos.

A eficiência de um autor se volta sobretudo quando ele obtém a reputação de que deve ser lido. Mas, através da prática de várias artes, pela operação do acaso e por certas afinidades naturais, tal reputação é rapidamente conquistada por uma centena de pessoas sem valor; enquanto um escritor digno chega a ela muito lenta e tardiamente. Os primeiros possuem amigos para ajudá-los; pois a ralé é sempre um corpo numeroso que se mantém bem unido. O segundo não tem nada além de inimigos; porque a superioridade intelectual é, em toda parte e em todas as circunstâncias, a coisa mais odiosa do mundo, principalmente para os que se encontram na mesma linha de trabalho e que desejam conquistar algo por si mesmos. <sup>[45]</sup>

Sendo assim, é uma condição primordial para se fazer qualquer grande trabalho – qualquer trabalho que ultrapasse sua própria época –, que um homem não preste atenção a seus contemporâneos, seus pontos de vista e opiniões, e aos elogios ou culpas que eles conferem. Esta condição é, no entanto, cumprida por si mesma quando um homem realmente faz algo grandioso, e é uma sorte que assim seja. Pois se, ao produzir tal trabalho, ele olhasse para a opinião geral ou para o julgamento de seus colegas, eles o levariam a se desviar a cada passo. Portanto, se um homem quer descer à posteridade, ele deve se retirar da influência de sua própria época. Isso significa, é claro, que ele também deve renunciar a qualquer influência sobre ele, e estar pronto para comprar séculos de fama, renunciando aos aplausos de seus contemporâneos.

Porque quando qualquer nova e ampla verdade chega ao mundo – e, se for nova, deve ser paradoxal – uma posição obstinada será tomada contra ela pelo maior tempo possível; ou melhor, as pessoas continuarão a negá-la mesmo depois que afrouxarem sua oposição e estiverem quase convencidas de sua verdade. Enquanto isso, ela continua trabalhando silenciosamente, e, como um ácido, minando tudo ao seu redor. De vez em quando ouve-se um acidente; o velho erro vem cambaleando, e, de repente, o novo tecido de pensamento se revela, como se fosse um monumento acabado de ser descoberto. Todos o reconhecem e o admiram. Com certeza tudo isso acontece, na maior parte das vezes, muito lentamente. Como regra, as pessoas descobrem um homem que só vale a pena ouvir depois que ele se foi; seus “*ouçam, ouçam!*” ressoam apenas quando o orador deixa a plataforma.

Obras do tipo ordinário encontram um destino melhor. Surgem como no decorrer e em conexão com o avanço geral da cultura contemporânea, estão em estreita aliança com o espírito de sua época – em outras palavras, apenas com as opiniões que prevalecem na época. Elas têm como objetivo atender às necessidades do momento. Se têm algum mérito, logo é reconhecido; e ganham moeda como os livros que refletem as últimas idéias. A justiça, não, mais do que a justiça, é feita a elas. Elas têm pouco espaço para a inveja; já que, como foi dito acima, um homem só elogiará uma coisa na medida em que espera ser capaz de imitá-la ele mesmo.

Mas essas raras obras que estão destinadas a se tornar propriedade de toda a humanidade e a viver por séculos, estão, em sua origem, muito à frente do ponto em que a cultura está e, por isso mesmo, são estranhas a essa cultura e ao espírito de seu próprio tempo. Não pertencem a ela nem estão ligadas a ela, e por isso não despertam interesse naqueles que são dominados por ela. Pertencem a outro, a um estágio superior da cultura e a um tempo que ainda está longe. Seu curso está relacionado ao de obras comuns como a órbita de Urano para a órbita de Mercúrio. Por enquanto, não lhes é feita justiça. As pessoas não sabem como tratá-las, por isso as deixam em paz e seguem o ritmo próprio dos caracóis. Será que o verme vê a águia enquanto ela voa para o alto?

Do número de livros escritos em qualquer língua, cerca de um em cada

100.000 faz parte da literatura verdadeira e permanente. Que destino este livro tem que suportar antes de ultrapassar os 100.000 e ganhar seu devido lugar de honra! Tal livro é a obra de uma mente extraordinária e eminente, e por isso é especificamente diferente dos outros; esse é um fato que mais cedo ou mais tarde se manifesta.

Que ninguém se preocupe com o fato de que as coisas nunca irão melhorar nesse aspecto. Não! A miserável constituição da humanidade nunca muda, embora possa, com certeza, assumir formas um tanto quanto variadas a cada geração. Uma mente distinta raramente tem seu pleno efeito durante a vida de seu possuidor; porque, no fundo, ela é completa e corretamente compreendida apenas por mentes que já se assemelham a ela.

Como é uma coisa rara para um homem – mesmo um entre muitos milhões – trilhar o caminho que leva à imortalidade, ele deve, necessariamente, ser muito solitário. A viagem para a posteridade se dá através de uma região horrivelmente sombria, como o deserto da Líbia, do qual, como é sabido, ninguém pode ter alguma idéia se não o viu por si mesmo. Enquanto isso, deixe-me, antes de tudo, recomendar ao viajante que leve consigo bagagem leve; caso contrário, terá que jogar muita coisa fora quando estiver na estrada. Que ele nunca esqueça as palavras de Baltasar Gracián: *lo bueno, si breve, dos veces bueno*. O bom trabalho é duplamente bom se for curto. Esse conselho é especialmente aplicável aos meus próprios compatriotas.

Em comparação com o curto período de tempo em que vivem, os homens de grande intelecto são como grandes edifícios, em pé sobre um pequeno terreno. O tamanho do edifício não pode ser visto por ninguém diante dele; nem, por uma razão análoga, a grandeza de um gênio pode ser estimada enquanto ele vive. Mas quando um século passa, o mundo o reconhece e o quer de volta.

Se o perecível filho do tempo produziu um trabalho imperecível, quão curta parece sua própria vida em comparação com a de seu próprio filho! Ele é como Semele ou Maia – uma mãe mortal que deu à luz um filho imortal; ou, ao contrário, como Aquiles em relação a Thetis. Que contraste há entre o que é fugaz e o que é permanente! A curta duração da vida de um homem, sua existência necessária, aflita e instável, raramente permitirá que ele veja

até mesmo o início da brilhante carreira de seu filho imortal; nem o próprio pai será considerado por aquilo que ele realmente é. Pode-se dizer, de fato, que um homem cuja fama vem após ele é o oposto de um homem nobre, que é precedido por ela.

No entanto, a única diferença que em última análise se faz quando um homem recebe sua fama das mãos de contemporâneos e não da posteridade é que, no primeiro caso, seus admiradores estão separados dele pelo espaço, e, no segundo, pelo tempo. Pois, mesmo no caso da fama contemporânea, um homem não vê, como regra, seus admiradores realmente diante dele. A reverência não suporta a proximidade: quase sempre mora a alguma distância de seu objeto; e, na presença da pessoa reverenciada, derrete como manteiga ao sol. Assim, se um homem é celebrado ao lado de seus contemporâneos, nove décimos daqueles entre os quais ele vive deixarão que sua estima seja guiada em função de sua posição e fortuna; e os décimos restantes talvez apresentem uma consciência enfadonha em relação a suas altas qualidades, pois já ouviram falar dele a partir de lugares remotos. Há uma bela carta latina de Petrarca sobre essa incompatibilidade entre a reverência e a presença da pessoa, e entre a fama e a vida. Ela vem logo em segundo lugar na sua *Epistolae familiares*<sup>[46]</sup>, e é dirigida a Thomas Messanensis. Lá, ele observa, entre outras coisas, que os homens instruídos de sua época, todos eles, fizeram com que fosse uma regra o fato de se pensar pouco dos escritos de um homem quando o viam ao menos por uma vez.

Sendo assim, a distância é essencial para que um homem famoso seja reconhecido e venerado, não importa se é a distância no espaço ou no tempo. É verdade que às vezes ele pode ouvir falar de sua fama num caso, mas nunca no outro; mas, mesmo assim, o mérito genuíno e grande pode compensar isso, antecipando com confiança sua fama póstuma. Ou melhor, aquele que produz um pensamento realmente grande está consciente de sua conexão com as gerações vindouras no exato momento em que o concebe; de forma que ele sente a extensão de sua existência através dos séculos e assim vive *com* a posteridade, assim como *para* ela. E quando, depois de desfrutar do trabalho de um grande homem, somos tomados de admiração por ele e o almejamos de volta, para que possamos vê-lo e falar com ele, e tê-lo em nossa posse, esse nosso desejo não é infundado; porque ele também teve seu anseio por essa posteridade que concederá o reconhecimento, a honra, a gratidão e o

amor negados por contemporâneos invejosos.

Se obras intelectuais da mais elevada ordem não são admitidas até que cheguem ao tribunal da posteridade, um destino contrário é preparado para certos erros brilhantes que procedem de homens de talento, e que aparecem com um ar de estarem bem fundamentados. Esses erros são defendidos com tanta perspicácia e conhecimento que eles realmente se tornam famosos em sua própria época, e mantêm sua posição pelo menos durante a vida de seu autor. Deste tipo são muitas teorias falsas e críticas erradas; também poemas e obras de arte, que exibem algum falso gosto ou maneirismo favorecido pelo preconceito contemporâneo. Elas ganham reputação e credibilidade simplesmente porque ainda não há ninguém que saiba como refutá-las ou provar sua falsidade; e quando ele aparece, como costuma fazer, na geração seguinte, a glória dessas obras chega ao fim. Juízes póstumos, seja sua decisão favorável ou não ao apelante, formam o tribunal adequado para anular o veredicto dos contemporâneos. É por isso que é tão difícil e tão raro ser vitorioso nos dois tribunais.

A tendência infalível que o tempo tem para corrigir o conhecimento e o julgamento deve ser sempre vista como um meio de aliviar a ansiedade sempre que qualquer erro grave aparecer e ganhar terreno, seja na arte, na ciência ou na vida prática; ou quando alguma política ou movimento falso e completamente perverso for empreendida e receber aplausos das mãos dos homens. Ninguém deve ficar bravo, ou, menos ainda, desanimado; simplesmente imagine que o mundo já tenha abandonado o erro em questão, e agora só precisa de tempo e experiência para reconhecer por si mesmo aquilo que uma visão clara detectou à primeira vista.

Quando os fatos de uma verdade são eloquentes, não há necessidade de se apressar em ajudá-la com palavras: pois o tempo lhe dará mil línguas. Quanto tempo pode levar até que elas falem naturalmente dependerá da dificuldade do assunto e da plausibilidade do erro; mas elas falarão, e muitas vezes não adianta tentar antecipar-se a elas. Nos piores casos, isso acontecerá com teorias como acontece com os assuntos da vida prática; onde a vergonha e o engano, encorajados pelo sucesso, avançam a distâncias cada vez maiores, até que a descoberta se torna quase inevitável. É assim mesmo com as teorias; através da confiança cega dos imbecis que as abordam, seu absurdo chega a

tal ponto que finalmente se torna óbvio até mesmo aos olhos mais embotados. Podemos assim dizer a tais pessoas: *quanto mais agressivas forem suas declarações, melhor.*

Há também algum conforto em refletir sobre todas as extravagâncias e caprichos que tiveram seu dia e que agora desapareceram por completo. Em estilo, em gramática, e em ortografia existem noções falsas desse tipo que duram apenas três ou quatro anos. Mas quando os erros são em grande escala - ao mesmo tempo em que lamentamos a brevidade da vida humana - faremos sempre bem em permanecer atrasados em relação à nossa própria época, quando a vemos em um caminho de declínio. Pois há duas maneiras de não nos mantermos no mesmo nível dos tempos. Um homem pode estar abaixo dele; ou pode estar acima dele.



## IX – Sobre a Genialidade

Nenhuma diferença de cargo, posição ou nascimento é tão grande quanto o abismo que separa os incontáveis milhões que usam a cabeça apenas a serviço da barriga – em outras palavras, que a vêem como um instrumento da vontade – e aquelas muito poucas e raras pessoas que têm a coragem de dizer: Não! Ela é boa demais para isso; minha cabeça atuará somente a serviço próprio; ela tentará compreender o maravilhoso e variado espetáculo deste mundo, e depois o reproduzirá de alguma forma – seja como arte ou como literatura – que possa corresponder ao meu caráter como indivíduo. Esses são realmente nobres, a verdadeira *nobreza* do mundo. Os outros são servos e vão junto com a terra – *glebae adscripti*.<sup>[47]</sup> Obviamente, estou aqui me referindo àqueles que têm não apenas a coragem, mas também o chamado, e que têm, portanto, o direito de ordenar à cabeça que abandone o serviço da vontade; com um resultado que prova que o sacrifício valeu a pena ser feito. No caso daqueles a quem tudo isso só pode ser aplicado parcialmente, o abismo não é tão grande; mas, mesmo que seu talento seja pequeno, desde que seja real, sempre haverá uma linha de demarcação afiada entre eles e os milhões.<sup>[48]</sup>

As obras de arte fina, poesia e filosofia produzidas por uma nação são o resultado do intelecto supérfluo existente nela.

Para aquele que pode entender corretamente – *cum grano salis*<sup>[49]</sup> – a relação entre o gênio e o homem normal pode, talvez, ser melhor expressa da seguinte forma: Um gênio tem duplo intelecto, um para si e a serviço de sua vontade; o outro para o mundo, do qual ele se torna espelho, em virtude de sua atitude puramente objetiva em relação a ele. A obra de arte, poesia ou filosofia produzida pelo gênio é simplesmente o resultado, ou a

quintessência, dessa atitude contemplativa, elaborada de acordo com certas regras técnicas.

O homem normal, por outro lado, tem apenas um único intelecto, que pode ser chamado *subjetivo*, em contraste com o intelecto *objetivo* do gênio. Por mais agudo que esse intelecto subjetivo possa ser – e este existe em vários graus de perfeição – ele nunca está no mesmo nível do intelecto duplo do gênio; assim como as notas de abertura do peito da voz humana, por mais altas que sejam, são essencialmente diferentes do falsetto. Este, como as duas oitavas superiores da flauta e as harmônicas do violino, é produzido pela coluna de ar que se divide em duas metades vibratórias, com um nó entre elas; enquanto as notas de peito aberto da voz humana e a oitava inferior da flauta são produzidas pela coluna inteira de ar vibrando como um todo. Tal ilustração pode ajudar o leitor a compreender aquela peculiaridade específica do gênio que está inequivocamente estampada nas obras, e até mesmo na fisionomia, daquele que é dotado com ela. Ao mesmo tempo, é óbvio que um intelecto duplo como esse deve, como regra, obstruir o serviço da vontade; e isso explica a pobre capacidade frequentemente demonstrada pelo gênio na condução da vida. E o que caracteriza especialmente o gênio é que ele não tem nenhuma daquela sobriedade de temperamento que se encontra sempre no intelecto simples e comum, seja ele agudo ou obtuso.

O cérebro pode ser comparado a um parasita que é sustentado como parte da estrutura humana sem contribuir diretamente para sua economia interna; ele está seguramente alojado no andar mais alto, e ali leva uma vida auto-suficiente e independente. Da mesma forma, pode-se dizer que um homem dotado de grandes dons mentais leva, além da vida individual comum a todos, uma segunda vida, puramente do intelecto. Ele se dedica ao constante crescimento, à retificação e à extensão, não do mero aprendizado, mas do verdadeiro conhecimento sistemático e do discernimento; e se mantém intocado pelo destino que o ultrapassa pessoalmente, desde que isso não o perturbe em seu trabalho. É, portanto, uma vida que eleva um homem e o coloca acima do destino e de suas mudanças. Sempre pensando, aprendendo, experimentando, praticando seus conhecimentos, o homem logo vem a considerar essa segunda vida como o principal modo de existência, e sua vida meramente pessoal como algo subordinado, servindo apenas para o avanço de fins superiores a si mesmo.

Um exemplo dessa existência independente e separada é fornecido por Goethe. Durante a guerra no Champagne, e em meio a toda a azáfama do campo, Goethe teceu observações para sua teoria da cor; e assim que as inúmeras calamidades dessa guerra permitiram que ele se retirasse por um curto período para a fortaleza de Luxemburgo, ele retomou o manuscrito de seu *Farbenlehre*. Esse é um exemplo que nós, o sal da terra, devemos tentar seguir, nunca deixando que nada nos perturbe na busca de nossa vida intelectual, por mais que a tempestade do mundo possa invadir e agitar nosso ambiente pessoal; lembrando sempre que somos os filhos, não da escrava, mas da mulher livre. Como nosso emblema e escudo de armas, proponho uma árvore fortemente sacudida pelo vento, mas ainda dando seus frutos rudes em cada ramo; com o lema *Dum convellor mitescunt*, ou *Conquassata sed ferax*.<sup>[50]</sup>

Essa vida puramente intelectual do indivíduo tem sua contraparte na humanidade como um todo. Pois aí, também, a vida real é a vida da *vontade*, tanto no sentido empírico como no sentido transcendental da palavra. A vida puramente intelectual da humanidade reside em seu esforço para aumentar o conhecimento por meio das ciências, e em seu desejo de aperfeiçoar as artes. Tanto a ciência quanto a arte avançam assim, lentamente, de uma geração para outra, e crescem com os séculos, cada uma delas à medida que se apressam, fornecendo sua contribuição. Essa vida intelectual, como algum presente do céu, paira sobre a agitação e o movimento do mundo; ou é, por assim dizer, um ar doce e perfumado que se desenvolve a partir do fermento próprio – a vida real da humanidade, dominada pela vontade; e lado a lado com a história das nações, com a história da filosofia, da ciência e da arte toma seu caminho inocente e sem derramamento de sangue.

A diferença entre o gênio e o homem comum é, sem dúvida, *quantitativa*, na medida em que é uma diferença de grau; mas sou tentado a considerá-la também *qualitativa*, tendo em vista que as mentes comuns, apesar da variação individual, têm uma certa tendência a pensar da mesma forma. Assim, em ocasiões semelhantes, seus pensamentos ao mesmo tempo tomam uma direção semelhante, e correm na mesma linha; e isso explica por que seus julgamentos concordam constantemente – não porque elas são baseadas na verdade. Isso é de tal ordem que certos pontos de vista fundamentais são

sempre recorrentes entre a humanidade, e sempre se repetem e se apresentam de novo, ao passo que as grandes mentes de todas as épocas estão em aberta ou secreta oposição a elas.

Um gênio é um homem em cuja mente o mundo é retratado do mesmo modo que um objeto é retratado em um espelho, mas o é com um grau maior de clareza e uma maior distinção de contorno do que o que é alcançado pelas pessoas comuns. É dele que a humanidade pode buscar a maior parte da instrução; pois o mais profundo conhecimento sobre os assuntos mais importantes deve ser adquirido, não por uma observação atenta aos detalhes, mas por um estudo minucioso das coisas como um todo. E se sua mente atingir a maturidade, a instrução que ele dá será transmitida, ora de uma forma, ora de outra. Assim, o gênio pode ser definido como uma consciência eminentemente clara das coisas em geral e, portanto, também do que se opõe a elas, ou seja, do próprio eu.

O mundo olha para um homem assim dotado e espera aprender algo sobre a vida e sua verdadeira natureza. Mas várias circunstâncias altamente favoráveis devem combinar-se para produzir o gênio, e este é um evento muito raro. Acontece apenas de vez em quando – digamos que uma vez em um século – o nascer de um homem cujo intelecto ultrapassa de forma tão perceptível a medida normal a ponto de equivaler àquela segunda faculdade que parece ser acidental, pois está fora de toda relação com a vontade.

Como acontece com o homem comum, o gênio é o que é sobretudo para si mesmo. Isso é essencial para sua natureza; um fato que não pode ser evitado nem alterado. O que ele pode ser para os outros continua sendo uma questão de acaso e de importância secundária. Em nenhum caso as pessoas podem receber de sua mente mais do que apenas um reflexo, e isso ocorre somente quando ele se junta a elas na tentativa de colocar seu próprio pensamento em suas cabeças; onde, no entanto, tal pensamento nunca é nada além de uma planta exótica, atrofiada e frágil.

A fim de ter pensamentos originais, incomuns e talvez até imortais, basta se afastar tão completamente do mundo das coisas por alguns momentos a ponto de os objetos e eventos mais comuns parecerem bastante novos e desconhecidos. Dessa forma, sua verdadeira natureza é revelada. O que aqui é

exigido não pode, talvez, ser considerado difícil; e isso não está em nosso poder de forma alguma, mas é simplesmente a esfera própria do gênio.

Por si só o gênio pode produzir pensamentos originais apenas tão pouco quanto uma mulher sozinha pode ter filhos. As circunstâncias exteriores devem vir para frutificar o gênio, e ser, por assim dizer, um pai para sua progênie.

A mente do gênio é, entre outras mentes, o que o carbúnculo é entre as pedras preciosas: ele envia luz própria, enquanto as outras refletem apenas aquilo que receberam. A relação do gênio com a mente comum também pode ser descrita como a de um corpo idio-elétrico em relação a um que é meramente condutor de eletricidade.

O mero homem do saber, que passa sua vida ensinando o que aprendeu, não deve estritamente ser chamado de homem de gênio; assim como os corpos idio-elétricos não são condutores. Não, o gênio é para a mera aprendizagem como as palavras são para a música de uma canção. Um homem de saber é um homem que aprendeu muito; um homem de gênio é alguém com quem aprendemos algo que esse gênio não aprendeu com ninguém. Grandes mentes – das quais existe apenas uma em cada cem milhões – são, assim, os faróis da humanidade; e sem eles a humanidade se perderia no mar sem limites do erro monstruoso e da perplexidade.

E assim o simples homem do saber – no sentido estrito da palavra, o professor comum – por exemplo, olha para o gênio do mesmo modo que nós olhamos para uma lebre, a qual é boa para ser consumida após ter sido abatida e preparada. Enquanto estiver viva, só serve de alvo para atirar.

Aquele que deseja experimentar a gratidão de seus contemporâneos deve ajustar seu ritmo ao deles. Mas grandes coisas nunca são produzidas dessa maneira. E aquele que quer fazer grandes coisas deve dirigir seu olhar para a posteridade e, com firme confiança, elaborar seu trabalho para as próximas gerações. Sem dúvida, o resultado pode ser que ele permanecerá bastante desconhecido para seus contemporâneos, e isso é comparável a um homem que, compelido a passar sua vida em uma ilha solitária, com grande esforço monta ali um monumento para transmitir aos futuros marinheiros o

conhecimento de sua existência. Se ele pensa que é um destino difícil, que se console com a reflexão de que o homem comum, que vive apenas para fins práticos, muitas vezes sofre um destino semelhante, sem ter nenhuma compensação a esperar; na medida em que ele pode, em condições favoráveis, passar uma vida de produção material, ganhando, comprando, construindo, fertilizando, distribuindo, fundando, estabelecendo, embelezando com esforço diário e zelo incansável, e o tempo todo pensar que está trabalhando para si mesmo; e, no entanto, no final são seus descendentes que colhem o benefício de tudo isso, e às vezes nem mesmo os seus descendentes. É o mesmo com o homem de gênio; ele também espera por sua recompensa e pelo menos por sua honra; e finalmente descobre que trabalhou somente para a posteridade. Ambos, com certeza, herdaram muito de seus antepassados.

A compensação que mencionei como privilégio do gênio reside, não no que é para os outros, mas no que é para si mesmo. Qual o homem que de fato viveu mais do que aquele cujos momentos de pensamento fazem ouvir seus ecos através do tumulto dos séculos? Talvez, afinal de contas, o melhor para um gênio seria alcançar a posse de si mesmo sem perturbações, passando sua vida a desfrutar o prazer de seus próprios pensamentos, suas próprias obras e admitindo o mundo apenas como herdeiro de sua ampla existência. Então o mundo só encontraria a marca de sua existência após sua morte, como as marcas no Ichnolith.<sup>[51]</sup>

Nem é somente na atividade de seus mais altos poderes que o gênio supera as pessoas comuns. Um homem que é excepcionalmente bem articulado, flexível e ágil, executará todos os seus movimentos com excepcional facilidade, até mesmo com conforto, porque tem prazer direto em uma atividade para a qual está particularmente bem equipado e, portanto, muitas vezes a exerce sem nenhum objetivo. Além disso, se ele é acrobata ou dançarino, não só dá saltos que outras pessoas não podem executar, mas também apresenta uma rara elasticidade e agilidade naqueles passos mais fáceis que outros também podem executar, e até mesmo em caminhadas comuns.

Da mesma forma, um homem de mente superior não só produzirá pensamentos e obras que nunca poderiam ter vindo de outro; não será apenas

aqui que ele mostrará sua grandeza; mas, como o conhecimento e o pensamento formam um modo de atividade natural e fácil para ele, ele também se deleitará neles em todos os momentos, e assim apreenderá pequenos assuntos que estão dentro do alcance de outras mentes, de forma mais fácil, rápida e correta do que elas. Assim, ele terá um prazer direto e vivo em cada incremento de conhecimento, cada problema resolvido, cada pensamento espirituoso, seja dele ou de outro; e, assim, sua mente não terá outro objetivo além de estar constantemente ativa. Essa será uma fonte inesgotável de prazer; e o tédio, aquele espectro que assombra o homem comum, nunca poderá se aproximar dele.

As obras-primas dos homens de gênio, do passado e dos contemporâneos, existem em sua plenitude somente para eles. Se um grande produto da genialidade é recomendado à mente comum e simples, ela terá tanto prazer nele quanto a vítima da gota em ser convidada para um baile. Uma delas vai em nome da formalidade, e outra lê um livro a fim de não estar em atraso. Lá, Bruyère estava muito certo quando disse: *Toda a inteligência do mundo está perdida para quem não tem nenhuma*. Toda a gama de pensamentos de um homem de talento, ou a de um gênio, comparada aos pensamentos do homem comum, é, mesmo quando dirigida a objetos essencialmente iguais, como uma pintura a óleo brilhante e cheia de vida comparada a um mero esboço, ou a um esboço fraco em aquarela.

Tudo isso é parte da recompensa do gênio, e o compensa por uma existência solitária em um mundo com o qual ele não tem nada em comum e nenhuma simpatia. Mas, uma vez que tamanho é relativo, afirmo o mesmo quando digo que Caius era um grande homem, ou que Caius tem que viver entre pessoas miseravelmente pequenas; para Brobdignack e Lilliput, isso varia apenas no ponto a partir do qual se inicia. Mesmo que uma longa posteridade possa achar que o trabalho de um autor imortal é grande, instrutivo ou admirável, durante seu tempo de vida ele aparecerá a seus contemporâneos como pequeno, miserável e insípido, proporcionalmente. Isso é o que quero dizer ao afirmar que, como existem trezentos degraus desde a base de uma torre até o cume, existem exatamente trezentos degraus desde o cume até a base. As grandes mentes, portanto, devem aos pequenos alguma indulgência; pois é somente em virtude dessas pequenas mentes que elas são grandes.

Não nos surpreendamos, então, se encontrarmos homens de gênio geralmente insociáveis e repelentes. Não é o seu desejo de sociabilidade que é o culpado. Seu caminho através do mundo é como o de um homem que vai passear numa manhã ensolarada de verão. Ele olha com prazer a beleza e o frescor da natureza, mas tem que confiar totalmente nisso para se divertir; porque ele não encontra outra sociedade a não ser a dos camponeses que se dobram sobre a terra e cultivam o solo: muitas vezes uma grande mente prefere o solilóquio ao diálogo que pode ter com este mundo. Se ela condescende a ele de vez em quando, a ociosidade do diálogo possivelmente a levará de volta ao seu solilóquio; pois, esquecendo-se de seu interlocutor – ou pouco se importando se ele a entende ou não – conversa com ele assim como uma criança fala com uma boneca.

Modéstia em uma grande mente seria, sem dúvida, agradável ao mundo; mas, infelizmente, é uma *contradictio in adjecto*.<sup>[52]</sup> Isso obrigaria um gênio a dar a preferência aos pensamentos e às opiniões de milhões sobre os seus próprios, ou melhor, ele teria de dar preferência até mesmo ao método e ao estilo deles; de atribuir-lhes um valor mais alto; e, bem à parte, de harmonizar seus pontos de vista com os deles, ou mesmo suprimi-los completamente, de modo a permitir que os outros mantenham as suas posições. Nesse caso, porém, ou ele não produziria absolutamente nada, ou então suas realizações estariam apenas no mesmo nível das deles. Um trabalho grande, genuíno e extraordinário só pode ser feito na medida em que seu autor desconsidera o método, os pensamentos e as opiniões de seus contemporâneos, e trabalha silenciosamente – apesar das críticas deles – desprezando aquilo que eles elogiam. Ninguém se torna grande sem uma arrogância desse tipo. Se sua vida e seu trabalho caírem sobre uma época que não pode reconhecê-lo e apreciá-lo, ele é, de qualquer forma, fiel a si mesmo; como um nobre viajante que é forçado a passar a noite em uma pousada miserável; quando chega a manhã, ele segue seu caminho com contentamento.

Um poeta ou filósofo não deve ser culpado de encontrar-se em uma época que só lhe permite fazer seu trabalho, sem ser perturbado, no seu próprio canto; nem por seu destino, se o canto que lhe foi concedido lhe permitir seguir sua vocação sem ter que pensar em outras pessoas.



O cérebro ser um mero trabalhador a serviço da barriga é, de fato, a sorte comum de quase todos aqueles que não vivem em função da obra de suas mãos; e eles estão longe de estar descontentes com sua sorte. Mas isso desespera a um homem de grande mente, cujo poder cerebral vai além da medida necessária para o serviço da vontade; e ele prefere, se necessário, viver nas mais estreitas circunstâncias, desde que lhe dêem o livre uso de seu tempo para o desenvolvimento e aplicação de suas faculdades; em outras palavras, se lhe dê o tempo livre que é inestimável para ele. É o contrário com as pessoas comuns: para elas, o tempo livre não tem valor em si mesmo, nem é, de fato, desprovido de perigos, como essas pessoas parecem saber. O trabalho técnico de nosso tempo, que é feito com uma perfeição sem precedentes, tem – ao dobrar e multiplicar objetos de luxo – dado aos favorecidos pela fortuna uma escolha: entre mais tempo livre e cultura de um lado, e luxo adicional e boa vida, porém com maior atividade, do outro; e, fiel ao seu caráter, eles escolhem esta última, e preferem o champanhe à liberdade. E são coerentes em sua escolha; pois, para eles, todo esforço da mente que não serve aos objetivos da vontade é tolice. O esforço intelectual, feito por seu próprio bem, eles chamam de excentricidade. Consequentemente, a persistência nos objetivos da vontade e da barriga será chamada de concentricidade; certamente, a vontade é o centro, o âmago do mundo.

Mas, em geral, é muito raro que qualquer alternativa desse tipo seja apresentada. Porque, como ocorre no caso do dinheiro, onde a maioria dos homens não o tem superfluamente mas possui apenas o suficiente para suas necessidades, assim também ocorre com a inteligência; eles possuem apenas a que será suficiente para usar a serviço da vontade, ou seja, para prosseguir com seus negócios. Tendo feito fortuna, eles se contentam em se gabar ou se entregam aos prazeres sensuais ou a diversões infantis, às cartas ou dados; ou conversarão da maneira mais monótona, ou se vestirão e se mostrarão uns aos outros. E quão poucos são aqueles que têm mesmo um pouco de poder intelectual supérfluo! Como os outros, estes também têm prazer; mas é um prazer do intelecto. Ou eles seguirão por algum estudo liberal que não lhes trará nada, ou eles praticarão alguma arte; e, em geral, serão capazes de se interessar objetivamente pelas coisas, de modo que será possível conversar com eles. Mas, com aqueles, é melhor não entrar em nenhuma relação; porque, exceto quando contam os resultados de sua própria experiência ou

dão conta de sua vocação especial, ou de qualquer forma transmitem o que aprenderam de outra pessoa, sua conversa não valerá a pena ser escutada; E se alguma coisa lhes é dita, eles raramente a compreenderão ou a entenderão corretamente e, na maioria dos casos, serão contrários às suas próprias opiniões. Baltasar Gracián descreve-os de forma muito marcante como homens que não são homens – *hombres che non lo son*. E Giordano Bruno diz a mesma coisa: *que diferença há em estar relacionado com os homens e ser comparado àqueles que só o são feitos à sua imagem e semelhança!* Essa passagem concorda maravilhosamente com esta observação em Kurrall: *as pessoas comuns parecem-se com homens, mas nunca vi nada parecido com eles*. Se o leitor considerar em que medida essas idéias concordam em pensamento e até mesmo em expressão, e a grande diferença entre elas na data e na nacionalidade, não poderá duvidar que elas estão de acordo com os fatos da vida. Certamente não foi sob a influência desses trechos que, cerca de vinte anos atrás, tentei obter uma caixa de rapé, cuja tampa deveria ter duas castanhas finas representadas sobre ela, se possível em mosaico; juntamente com uma folha que deveria mostrar que eram castanhas-da-índia. <sup>[53]</sup> Esse símbolo tinha o objetivo de manter o pensamento constantemente diante de minha mente. Se alguém quiser se divertir, por exemplo, evitando que se sinta solitário mesmo estando sozinho, deixe-me recomendar a companhia dos cães, cujas qualidades morais e intelectuais podem quase sempre proporcionar deleite e gratificação.

Ainda assim, devemos ter sempre o cuidado de evitar ser injustos. Muitas vezes me surpreendo com a esperteza, e de vez em quando com a estupidez do meu cão; e tenho experiências semelhantes com a humanidade. Inúmeras vezes, indignado com sua incapacidade, sua total falta de discernimento, sua bestialidade, fui obrigado a fazer eco da velha queixa de que a loucura é a mãe e ama de leite da raça humana:

*Humani generis mater nutrixque profecto  
Stultitia est.*

Mas em outros momentos fiquei espantado que de tal raça pudesse ter surgido tantas artes e ciências, abundantes em tantos usos e belezas, ainda que tenham sido sempre uns poucos os que as produziram. No entanto, essas artes e ciências se enraizaram, se estabeleceram e se aperfeiçoaram; e a raça

tem preservado com fidelidade persistente Homero, Platão, Horácio e outros por milhares de anos, copiando e valorizando seus escritos, salvando-os assim do esquecimento, apesar de todos os males e atrocidades que aconteceram no mundo. Assim, a raça provou que aprecia o valor dessas coisas e, ao mesmo tempo, que pode formar uma visão correta das realizações especiais ou estimar sinais de julgamento e inteligência. Quando isso ocorre entre aqueles que pertencem à grande multidão, é por uma espécie de inspiração. Às vezes uma opinião correta será formada pela própria multidão; mas isto é apenas quando o coro de louvor tiver crescido plenamente. É então como o som de vozes não treinadas; onde há o suficiente delas, há sempre harmonia.

Aqueles que emergem da multidão, aqueles que são chamados homens de gênio, são simplesmente o *lucida intervalla* de toda a raça humana. Eles alcançam aquilo que outros não poderiam alcançar. Sua originalidade é tão grande que não apenas sua divergência em relação aos outros é óbvia, mas sua individualidade é expressa com tal força que todos os homens de gênio que já existiram mostram, todos eles, peculiaridades de caráter e mente; de modo que o presente de suas obras seja um presente que só ele, entre todos os homens, poderia ter apresentado ao mundo. Isso é o que faz daquele símile de Ariosto algo tão verdadeiro e tão justamente celebrado: *Natura lo fece e poi rompe lo stampo*. A Natureza fez o gênio e quebrou o molde.

Mas há sempre um limite para a capacidade humana; e ninguém pode ser um grande gênio sem ter algum lado decididamente fraco, podendo até ser alguma estreiteza intelectual. Em outras palavras, haverá alguma faculdade na qual ele será de vez em quando inferior aos homens de dotes moderados. Será uma faculdade que, se forte, pode ser um obstáculo para o exercício das qualidades em que ele se destaca. O que esse ponto fraco é, será sempre difícil de definir com precisão, mesmo em um determinado caso. Pode ser melhor expresso indiretamente; assim, o ponto fraco de Platão é exatamente aquele em que Aristóteles é forte, e *vice-versa*; e assim, também, Kant é defeituoso exatamente onde Goethe é grande.

A humanidade gosta de venerar algo, mas sua veneração é geralmente dirigida ao objeto errado, e permanece assim até que a posteridade chegue para corrigir isso. Mas o público educado não se endireita logo, do mesmo

modo que a honra que é devida ao gênio degenera; da mesma maneira, a honra que os fiéis pagam a seus santos passa facilmente para uma adoração frívola de relíquias. Milhares de cristãos adoram as relíquias de um santo cuja vida e doutrina são desconhecidas para eles; e a religião de milhares de budistas reside mais na veneração do Dente Sagrado ou de algum objeto semelhante, ou do vaso que o contém, ou da Tigela Sagrada, ou das pegadas fósseis, ou da Árvore Sagrada que Buda plantou, do que no conhecimento profundo e na prática fiel de seu elevado ensinamento. A casa de Petrarca em Arqua; a suposta prisão de Tasso em Ferrara; a casa de Shakespeare em Stratford, com sua cadeira; a casa de Goethe em Weimar, com seus móveis; o velho chapéu de Kant; os autógrafos de grandes homens; estas coisas são vistas com interesse e admiração por muitos que nunca leram suas obras. Eles não podem fazer nada mais além de simplesmente embasbacar.

Os inteligentes entre eles são movidos pelo desejo de ver os objetos que o grande homem tinha habitualmente diante de seus olhos; e, por uma estranha ilusão, estes produzem a noção equivocada de que com os objetos eles estão trazendo de volta o próprio homem, ou que algo do homem deve se apegar a ele. Assim como essas pessoas são aqueles que se esforçam seriamente para conhecer o objeto das obras de um poeta, ou para desvendar as circunstâncias e acontecimentos pessoais de sua vida que sugeriram passagens particulares. Isso é como se o público de um teatro admirasse uma bela cena e depois se precipitasse no palco para olhar o andaime que a sustenta. Existem em nossos dias exemplos suficientes desses investigadores críticos, e eles provam a verdade do ditado de que a humanidade está interessada não na forma de uma obra, ou seja, em sua forma de tratamento, mas em sua matéria. Tudo o que lhe interessa é o tema. Ler a biografia de um filósofo, em vez de estudar seus pensamentos, é como negligenciar um quadro e atender apenas ao estilo de sua moldura, debatendo se ela está bem ou mal esculpida, e quanto custa para dourá-la.

Tudo isso está muito bem. No entanto, há outra classe de pessoas cujo interesse também é dirigido a considerações materiais e pessoais, mas elas vão muito mais longe e o levam a um ponto em que isso se torna absolutamente inútil. Porque um grande homem abriu para eles os tesouros de seu íntimo e, por um esforço supremo de suas faculdades, produziu obras que não só remontam à sua elevação e iluminação, mas também beneficiarão

sua posteridade para a décima e vigésima geração; Por terem apresentado à humanidade um dom incomparável, aqueles varões se acham justificados em julgar sua moralidade pessoal e tentar descobrir aqui ou ali algum ponto que possa aliviar a dor que sentem à vista de uma mente tão grande, em comparação com o sentimento avassalador de seu próprio nada.

Essa é a verdadeira fonte de todas essas discussões prolixas, realizadas em inúmeros livros e resenhas, sobre o aspecto moral da vida de Goethe, se ele não deveria ter se casado com uma ou outra das meninas pelas quais se apaixonou em seus dias de juventude; se, em vez de dedicar-se honestamente ao serviço de seu mestre, ele não deveria ter sido um homem do povo, um patriota alemão, digno de um assento na *Paulskirche*, e assim por diante. Tal ingratidão chorosa e maliciosa depreciação provam que esses juízes autoconstituídos são tão grandes facínoras moralmente quanto intelectualmente, o que é uma grande afirmação.

Um homem de talento lutará por dinheiro e reputação; mas a mola que move o gênio para a produção de suas obras não é tão fácil de nomear. A riqueza raramente é sua recompensa. Nem é reputação ou glória; só a um francês poderia significar isso. A glória é uma coisa tão incerta e – se você a observar de perto – de tão pouco valor. Além disso, ela nunca corresponde ao esforço que você fez:

*Responsura tuo numquam est par fama labori.* [\[54\]](#)

Nem é exatamente o prazer que ela lhe dá, pois isso é quase compensado pela grandeza do esforço. É antes um tipo peculiar de instinto, que impele o homem de gênio a dar forma permanente ao que vê e sente, sem estar consciente de qualquer outro motivo. Funciona, no essencial, por uma necessidade semelhante àquela que faz uma árvore dar seus frutos; e nenhuma condição externa é necessária, a não ser o terreno sobre o qual ela deve prosperar.

Examinando mais de perto, parece que, no caso de um gênio, a vontade de viver, que é o espírito da espécie humana, estava consciente de ter, por um raro acaso e por um breve período, atingido uma maior clareza de visão, e agora tentava assegurá-la, ou pelo menos ao resultado dela, para toda a espécie, à qual o gênio individual em seu ser mais íntimo pertence; de modo

que a luz que ele projeta sobre ela possa furar a escuridão e o entorpecimento da consciência humana comum e aí produzir algum bom efeito.

Tendo surgido de alguma forma, esse instinto impulsiona o gênio para levar seu trabalho até a conclusão, sem pensar em recompensa, aplausos ou simpatia; abandonar todos os cuidados com seu próprio bem-estar pessoal; fazer de sua vida uma vida de solidão laboriosa, e esforçar ao máximo suas faculdades. Ele vem assim a pensar mais na posteridade do que nos contemporâneos; porque, enquanto estes últimos só o podem desviar, a posteridade forma a maioria da espécie, e o tempo trará gradualmente aqueles poucos perspicazes que podem apreciá-lo. Entretanto, ocorre com ele como com o artista descrito por Goethe; ele não tem nenhum patrono principesco para premiar seus talentos, nenhum amigo para se regozijar com ele:

*Ein Fürst der die Talente schätzt,  
Ein Freund der sich mit mir ergötzt,  
Die haben leider mir gefehlt.*

Seu trabalho é, por assim dizer, um objeto sagrado e o verdadeiro fruto de sua vida, e seu objetivo ao conservá-lo para uma posteridade mais perspicaz é torná-lo propriedade da humanidade. Um objetivo como esse ultrapassa de longe todos os outros, e por isso usa a coroa de espinhos. que florescerá um dia em uma grinalda de louro. Todas as suas forças estão concentradas no esforço de completar e assegurar seu trabalho; assim como o inseto, que no último estágio de seu desenvolvimento usa toda sua força em nome de uma ninhada que nunca viverá para ver; coloca seus ovos em algum lugar seguro, onde, como bem sabe, os jovens um dia encontrarão vida e alimento, e então ele morre com essa confiança.

---

[1] Ésquilo, Sófocles e Eurípides

[2] Em sua Gazeta de Hegel, comumente conhecida como *Jahrbücher der wissenschaftlichen Literatur* - Anuários de literatura científica.

[3] Referência à Fábula, O Parto da Montanha, de Esopo.

[4] “A razão (ou a sabedoria) é o princípio e a fonte do bem escrever.”

[5] No entanto, as pessoas são fáceis de levar, e criaram o hábito de ler página após página de todo tipo de verborreia, sem ter

nenhuma idéia particular do que o autor realmente quer dizer. Elas imaginam que tudo é como deveria ser e não conseguem descobrir que ele está escrevendo simplesmente por escrever.

[6] Meu pensamento a céu aberto oferece-se e se expõe. E meu verso, bom ou mau, sempre diz algo.

[7] Referência à peça Henrique IV, de William Shakespeare.

[8] Trabalho e Dias, verso 40.

[9] O segredo para ser enfadonho é dizer tudo.

[10] O homem que nasce da mulher tem pouco tempo para viver e é cheio de miséria. Ele surge, e é cortado, como uma flor; ele foge como se fosse uma sombra, e nunca continua em uma única estadia. Jó 14:1-2.

[11] Cf. Thomae Hobbes vita: *Carolopoli apud Eleutherium Anglicum*, 1681, p. 22.

[12] Tomas de Yriarte (1750-91), poeta espanhol, e guardião de arquivos no Escritório de Guerra de Madri. Suas duas obras mais conhecidas são um poema didático, intitulado *La Musica*, e as *Fábulas* aqui citadas, que satirizam as peculiares fraquezas dos homens literários. Foram traduzidas em muitos idiomas; em inglês por Rockliffe (3ª edição, 1866).

[13] Do italiano, “Amadores, amadores!”.

[14] Do italiano, “pelo prazer que sentem”.

[15] Alexander Pope - *Dunciad*, III. 194

[16] “O que herdaste de teus pais, o herdaste para possuí-lo.”, Fausto I. 320

[17] Para mais sobre esta argumentação, ver *O Mundo Como Vontade e Como Representação*, Vol. II, Cap. 38.

[18] Poética, c. 22.

[19] “A repetição é a mãe dos estudos”

[20] Às vezes [até] o bom Homero dormita.

[21] “Depois do espírito de discernimento, as coisas mais raras do mundo são os diamantes e as pérolas.”

[22] “É o destino dos Grandes aqui da Terra alcançar o reconhecimento apenas quando já não são mais.”

[23] “É sempre costume do tolo comum estimar o bom e o mau igualmente.”

[24] “A mediocridade, em poesia, é condenada por homens, deuses e livreiros.” Horácio, *Ars Poetica*, 372.

[25] Ernst Freiherr von Feuchtersleben (1808-49), médico, filósofo, poeta austríaco, e especialista em psicologia médica. A mais conhecida de suas canções é aquela que começa “*Es ist bestimmt in Gottes, Bath*”, para a qual Mendelssohn compôs uma de suas mais belas melodias.

[26] Correspondências Leibniz-Clarke. Disponível em: (<https://diariointelectualblog.wordpress.com/2021/07/17/debate-correspondencia-entre-gottfried-wilhelm-leibniz-e-samuel-clarke-parte-i/>)..

[27] “Que seja publicado.”.

[28] A teoria das cores de Goethe é uma teoria, digamos, oposta à de Newton, e totalmente digna de ser conhecida. Arthur Schopenhauer a viu como tão promissora que escreveu um livro sobre ela. Para mais, ver: (<https://pscolour.eu/Basel/ColourPhysics.htm>). N.T.

[29] A. Wivell: *An Inquiry into the History, Authenticity, and Characteristics of Shakespeare's Portraits*; com 21 imagens. Londres, 1836.

[30] “O tempo é um cavalheiro [honesto e leal]”

[31] Antes da morte, não louve pessoa alguma, Sirach 11:28..

[32] “Com eles te associa: largo os louva [para que, ausente, elogiado sejas].”. Horácio, *Sátiras*, Livro II, sátira V.

[33] uma sociedade anônima.

[34] Prefácio, p. XXIX.

[35] “Nesta, menos clara que nublada, vida mortal, cercada de armadilhas e cheia de lutas invejosas.” Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*, Vol I, Canto IV.

[36] “Se alguém quer se sobressair entre nós, que se sobressaia em outro lugar.” Paráfrase de frase encontrada nas *Discussões Tusculanas*, de Marcos Túlio Cícero, Livro V, §105. A original é ““*Nemo de nobis unus excellat; sin quis extiterit, alio in loco et apud alios sit.*”, que significa: “Dentre nós, ninguém se destaca isoladamente; caso alguém o consiga, que se destaque em outro

lugar, entre outros.”

[37] O Mundo como Vontade e Representação, Vol II.

[38] Escritos Diversos.

[39] “Nur die lumpen sind bescheiden, brave freuen sich der tat”: “São apenas os zés-ninguéns que são modestos, os corajosos regozijam-se com suas obras.”

[40] Yten, que todo poeta, a quien sus versos le huuieren dado a entender que lo es, se estime y tenga en mucho, ateniendose a aquel refran: “Ruyn sea el que por ruyn se tiene.”

[41] Collier, um de seus críticos, em sua Introdução aos Sonetos, comenta sobre este ponto: “Em muitos deles encontram-se as mais notáveis indicações de autoconfiança e de segurança na imortalidade de seus versos, e a esse respeito a opinião do autor foi constante e uniforme. Ele nunca se abstém de expressá-la, ... e talvez não haja nenhum escritor dos tempos antigos ou modernos que, pela quantidade de tais escritos deixados para trás, tenha declarado com tanta frequência ou tão fortemente que o que ele havia produzido neste departamento de poesia \* o mundo não deixaria morrer de bom grado\*.”

[42] “Aquilo que se faz rápido rapidamente perece.”

[43] Plutarco, Vidas Paralelas: Fócion.

[44] August Mahlmann, jornalista, poeta e escritor de histórias.

[45] Se os professores de filosofia pensarem que eu estou aqui insinuando sobre eles e sobre as táticas que eles têm seguido há mais de trinta anos em relação às minhas obras, eles acertaram o alvo na cabeça.

[46] Na edição veneziana de 1492.

[47] Escravo que estava atrelado à terra e, numa negociação, era adquirido em conjunto com ela.

[48] A escala correta para ajustar a hierarquia das inteligências é fornecida pelo grau em que a mente considera as coisas, se apenas individualmente ou se se aproxima de uma visão universal das coisas. O bruto reconhece apenas o individual como tal: sua compreensão não se estende para além dos limites do que é individual. Mas o homem redireciona o individual para o geral; aqui reside o exercício de sua razão; e quanto mais alto sua inteligência alcança, mais perto suas idéias gerais se aproximam do ponto em que elas se tornam universais. Se sua compreensão do universal é tão profunda a ponto de ser intuitiva, e de se aplicar não apenas às idéias gerais, mas a um objeto individual por si só, então surge um conhecimento das idéias no sentido usado por Platão. Esse conhecimento é de caráter estético; quando é automático, ele se eleva à genialidade, e atinge o mais alto grau de intensidade quando se torna filosófico: pois, assim, toda a vida e existência, à medida que passam, o mundo e tudo o que ele contém, são apreendidos em sua verdadeira natureza por um ato de intuição, e aparecem numa forma que se força sobre a consciência como um objeto de meditação. Aqui a reflexão atinge seu ponto mais alto. Entre isso e a percepção meramente animal existem inúmeros estágios, que diferem de acordo com a abordagem adotada com relação à visão universal das coisas.

[49] “com um grão de sal”, significa que o que se diz não deve ser levado muito a sério, pois pode não ser totalmente verdade.

[50] “Enquanto estou arrancando os frutos amadurecem” e “Abalada porém frutífera”).

[51] Para uma ilustração desse sentimento poético, Schopenhauer remete o leitor à Profecia de Dante, de Lord Byron, intro. ao C. 4.)

[52] Diz-se quando se atribui a algo uma característica que o contradiz; quando o adjetivo não corresponde ao substantivo.

[53] O rapé era um artigo de luxo da época.

[54] Horácio, Sermões, Livro II.